



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ROMUALDO DA SILVA SALES

**A PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO, DE ORIENTAÇÃO SEXUAL E A
CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NAS MALHAS DA EXPERIÊNCIA DE
ESCOLARIZAÇÃO**

**CAMPINA GRANDE
2024**

ROMUALDO DA SILVA SALES

**A PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO, DE ORIENTAÇÃO SEXUAL E A
CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NAS MALHAS DA EXPERIÊNCIA DE
ESCOLARIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, como
pré-requisito para obtenção do título de Licenciado
em Ciências Sociais pela Universidade Federal de
Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra
Sobrinho

**CAMPINA GRANDE
2024**

S163p

Sales, Romualdo da Silva.

A performatividade de gênero, de orientação sexual e a constituição dos sujeitos nas malhas da experiência de escolarização / Romualdo da Silva Sales. – Campina Grande, 2024.

53 f.

Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho".

Referências.

1. Performatividade de Gênero. 2. Orientação Sexual. 3. Experiências de Escolarização. 4. Educação Básica. 5. Ensino Superior. I. Guerra Sobrinho, Lemuel Dourado. II. Título.

CDU 305-057.875(04)

ROMUALDO DA SILVA SALES

A PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO, DE ORIENTAÇÃO SEXUAL E A
CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NAS MALHAS DA EXPERIÊNCIA DE
ESCOLARIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, como
pré-requisito para obtenção do título de Licenciado
em Ciências Sociais pela Universidade Federal de
Campina Grande.

Defendido em 07 de junho de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho (Orientador)
UACS - CH/UFCG

Prof^a. Dr^a. Maria de Assunção Lima de Paulo
UACS - CH/UFCG

Prof. Dr. Roserval de Almeida e Sousa
UACS - CH/UFCG



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CH
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429-900
Telefone: (83) 2101-1200
Site: <http://ch.ufcg.edu.br> - E-mail: assadm@ch.ufcg.edu.br

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, NO DOMÍNIO DA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM 07 DE JUNHO DE 2024.

Ata da Sessão Pública de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso do discente **Romualdo da Silva Sales**, matrícula **119230083**, do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Campus Central da Universidade Federal de Campina Grande. Aos sete dias do mês de junho, em uma sexta-feira, do ano de dois mil e vinte e quatro, às 11:00 horas da manhã, em uma sala virtual, reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho (Orientador) - UACS/CH/UFCG; Profa. Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo (Examinadora Interna) - UACS/CH/UFCG e o Prof. Dr. Roserval de Almeida e Sousa (Examinador Interno) - UACS/CH/UFCG. Após a apresentação da Banca Examinadora e das considerações iniciais, o discente Romualdo da Silva Sales iniciou a apresentação do seu trabalho, intitulado: "**A PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NAS MALHAS DA EXPERIÊNCIA DE ESCOLARIZAÇÃO.**", em seguida o aluno foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua monografia, obtendo nota 10,0 (dez) e conceito **Aprovado** ao seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Face à aprovação, declara o orientador, achar-se o examinado, legalmente habilitado a receber o Grau de Licenciado em Ciências Sociais, cabendo à Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que o mesmo faz jus. Não havendo mais nada a declarar, na forma regulamentar, foi lavrada a presente Ata, que é assinada por mim, Glauber Ranieri de Medeiros Pereira, Secretário da Coordenação de Graduação em Ciências Sociais, CH, o discente e os respectivos membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, PB, 07 de junho de 2024.

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho
Orientador - UACS/CH/UFCG

Profa. Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo
Examinadora Interna - UACS/CH/UFCG

Prof. Dr. Roserval de Almeida e Sousa
Examinador Interno - UACS/CH/UFCG

Romualdo da Silva Sales

Discente

Glauber Raniere de Medeiros Pereira

Secretário da Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Sociais

APROVAÇÃO

Segue a presente Ata de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do discente Romualdo da Silva Sales, assinada eletronicamente pela comissão examinadora acima identificada.

No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da tese e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DE ASSUNCAO LIMA DE PAULO, PROFESSOR 3 GRAU**, em 07/06/2024, às 20:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Romualdo da Silva Sales, Usuário Externo**, em 07/06/2024, às 21:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO, PROFESSOR 3 GRAU**, em 10/06/2024, às 12:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **GLAUBER RANIERE DE MEDEIROS PEREIRA, ASSISTENTE DE ADMINISTRACAO**, em 10/06/2024, às 12:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROZENVAL DE ALMEIDA E SOUSA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/11/2024, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **4489377** e o código CRC **9AD41883**.

AGRADECIMENTOS

1. À minha mãe Maria e ao meu pai Antônio, pelo apoio durante toda a minha jornada acadêmica;
2. Aos/às interlocutores/as desta pesquisa por compartilharem as suas trajetórias comigo;
3. Ao meu querido orientador professor Lemuel Guerra, pelas críticas, sugestões e estímulos;
4. Aos docentes, discentes e funcionários da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais;
5. Ao meu ex-professor Eduardo Jorge (*in memoriam*) por despertar em mim a paixão pelas Ciências Sociais.

RESUMO

Este estudo tem por objeto as narrativas de quatro estudantes universitários acerca de suas experiências relativas ao funcionamento da performatividade de gênero e orientação sexual durante sua passagem na educação básica e no ensino superior. O objetivo geral da pesquisa que resultou neste Trabalho de Conclusão de Curso é compreender, através da análise de narrativas dos quatro sujeitos entrevistados, seus agenciamentos diante dos regimes regulatórios de gênero e de orientação sexual, bem como as malhas de construção das experiências educacionais de estudantes universitários definidos como divergentes em relação à *heteronormatividade* e à binaridade tradicional de gênero, na UEPB e UFCG. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, operacionalizada através da realização de entrevistas abertas com nossos/as interlocutores/as acerca de suas experiências sociais e subjetivas no âmbito familiar, religioso e sobretudo educacional. A pesquisa revelou que a experiência de escolarização para aqueles e aquelas que borram as fronteiras binárias de gênero e desafiam a ordem cisheteronormativa é atravessada por mecanismos de subalternização da dissidência, bem como pelas negociações e resistências desenvolvidas pelos sujeitos em relação às normas em operação no tecido social de modo geral e em específico nos espaços educacionais.

Palavras-chave: Performatividade de Gênero. Orientação Sexual. Experiências de Escolarização.

ABSTRACT

This study focuses on the narratives of four university students about their experiences relating to the functioning of gender performativity and sexual orientation during their time in basic education and higher education. The general objective of the research that resulted in this Course Conclusion Paper is to understand, through the analysis of the narratives of the four interviewed subjects, their agency in relation to the regulatory regimes of gender and sexual orientation, as well as the construction networks of students' educational experiences. university students defined as divergent in relation to heteronormativity and the traditional gender binary, in UEPB and UFCG. This is a research with a qualitative approach, carried out through open interviews with our interlocutors about their social and subjective experiences in the family, religious and, above all, educational spheres. The research revealed that the schooling experience for those who blur the binary boundaries of gender and challenge the cisheteronormative order is crossed by mechanisms of subalternization of dissent, as well as by the negotiations and resistance developed by the subjects in relation to the norms operating in the social space in general and specifically in educational sphere.

Keywords: *Gender Performativity. Sexual Orientation. Schooling Experiences.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – AS CILADAS DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL	15
1.1. A construção das performances de gênero e orientação sexual dos/as interlocutores/as de pesquisa.....	15
CAPÍTULO II – O FUNCIONAMENTO DA PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA EXPERIÊNCIA ESCOLAR.....	29
CAPÍTULO III – O FUNCIONAMENTO DA PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA ...	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

As experiências sociais e subjetivas são construídas nas teias das relações de poder, discursivas e epistemológicas configuradas a partir de contextos históricos e socioculturais em que os sujeitos estão inseridos. A analítica das ciências sociais focaliza as malhas através das quais os sujeitos emergem investidos pelos discursos em funcionamento no tecido social, bem como pelos mecanismos de conhecimento e reconhecimento destes, buscando compreender as tramas normativas que nos tornam quem somos/estamos, sobretudo em relação à partilha do sensível relativa aos corpos, gêneros, orientações sexuais, desejos e afetos.

Antes mesmo de avançar nas reflexões que propomos neste TCC, é pertinente diferenciar as categorias de *experiência* e *vivência* para melhor compreender o enfoque adotado neste trabalho. Benjamin (1994), ao analisar as configurações da vida moderna no vazio das grandes cidades, percebe que existem fronteiras que separam estas duas categorias. A experiência, para o referido autor, encontra-se pautada na tradição - seja numa configuração individual ou coletiva - articulada a uma dimensão que ultrapassa as barreiras da consciência e se inscreve no inconsciente, produzindo fluxos no formato de memórias. A vivência, por sua vez, opera no terreno da consciência, sendo construída através de caracteres fragmentados, não se configurando em formato de registros.

Nesse cenário, identificar esses elementos que configuram as experiências sociais e subjetivas dos sujeitos, fornece as condições para compreender como estes se constituem num campo de produção, reprodução, questionamento e reiteração de normas sociais. As experiências entendidas sob este prisma não se estabelecem como autoexplicativas em si mesmas, mas como ponto de partida para elaborarmos um processo de figuração heurística das tramas de poder que as condiciona e modela.

Scott (1998) foi assertiva ao questionar o tratamento dado à experiência na interpretação da história oficial, destacando que a focalização desta como autoexplicativa não questiona as bases sobre as quais ela é construída. Suas análises também problematizam as interpretações sociais e históricas que não interpelam as variadas camadas que constituem os sujeitos no processo de interpretação heurística, privilegiando algumas delas, como acontece com as abordagens de base marxista ao destacar as classes sociais como elementos centrais para compreensão das relações sociais em sua totalidade.

É a partir da perspectiva de Scott (*idem*), que situa a experiência como alinhavada pelos discursos socioculturais e pelos condicionamentos históricos, que interpretamos as experiências

de escolarização de pessoas LGBTQIAPN+, recortando-as a partir da educação básica e do ensino superior, objeto de reflexão deste trabalho.

Em termos de objetivo geral, nossa proposta é compreender, através das narrativas dos quatro sujeitos entrevistados, seus agenciamentos diante dos regimes regulatórios de gênero e de orientação sexual, bem como as malhas de construção das experiências educacionais de estudantes universitários definidos como divergentes em relação à *heteronormatividade* e à binaridade tradicional de gênero (da UEPB¹ e UFCG²).

Buscamos analisar, a partir do referencial teórico e das narrativas apresentadas nas entrevistas, como as práticas discursivas operam na tessitura das performances relativas às variáveis supracitadas; problematizar as estratégias de controle das performances de gênero e orientação sexual que desafiam o funcionamento das normas binárias de gênero e da *heteronormatividade*, bem como apreender as estratégias de negociação acionadas pelos sujeitos para lidar com as normas que constituem a *performatividade* de gênero e orientação sexual.

Focalizar o funcionamento da *performatividade* de gênero e orientação sexual, conforme as análises de Butler (2019), evidencia como as experiências dos sujeitos são produzidas na conjunção de discursos regulatórios, performances e saberes, que estabelece *os regimes de inteligibilidade*³, *visibilidade e dizibilidade* referentes às variáveis supracitadas. Não há performances de gênero e orientações sexuais anteriores ou fora das normas, uma vez que são estas que definem as fronteiras dos regimes supracitados, bem como interpelam os corpos para as performatizar, dando-lhes a dimensão inteligível de substancialidade.

Os corpos, ainda em formação no útero, são interpelados a partir de uma dicotomia que estabelece as fronteiras das performances de gênero e orientações sexuais que os futuros seres deverão desempenhar. As cores dos quartos, os primeiros brinquedos e, mais recentemente, o ritual do *chá revelação*, funcionam como elementos que forjam modelos impositivos de performances de gênero e de orientações sexuais. Os indivíduos que borram essas normas são posicionados como seres abjetos, inconcebíveis, não sujeitos, dotados de vidas não passíveis de luto, como analisa Butler (2020), por desafiarem as estratégias de normatização; ou são tensionados a manterem suas experiências em termos de performances de gênero e sexualidade

¹ Universidade Estadual da Paraíba.

² Universidade Federal da Campina Grande.

³A partir das análises de Butler (2019), podemos inferir que *regimes de inteligibilidade* se configuram, em termos conceituais, como a inunção de discursos, saberes e performances a partir da qual os sujeitos são interpelados e interpretados pelas normas sociais. Trata-se de mecanismos de produção, conhecimento e reconhecimento dos sujeitos a partir das normas em dominância no tecido social.

em relativa invisibilidade, negociando com este campo normativo em todas as esferas da vida social, de modo a evitar as punições estabelecidas por ele.

Para além dos autores supracitados, do ponto de vista teórico, recorreremos à analítica de Foucault (1999) para compreender como os discursos costuram as experiências dos sujeitos, destacando as técnicas de poder acionadas pela medicina, pelo pastorado cristão e pelos saberes pedagógicos na constituição de corpos, gêneros e orientações sexuais funcionais à reprodução da ordem normativa. Entender como os discursos agenciam a produção dos corpos e subjetividades se torna um ponto nodal da nossa pesquisa, através do qual as relações de poder podem ser vistas no funcionamento da *performatividade* de gênero e orientação sexual.

Os agenciamentos acionados nas tramas discursivas funcionam como rizomas que definem os *regimes de visibilidade* de gênero e orientação sexual, conforme as análises de Miskolci (2017).

Na esfera da sexualidade, regime de visibilidade é uma noção que busca sintetizar a maneira como uma sociedade confere reconhecimento e torna visível certos arranjos amorosos, enquanto controla outras maneiras de se relacionar por meio de vigilância moral, da coibição de sua expressão pública, em suma, pela manutenção dessas outras formas amorosas e sexuais em relativa discrição, invisibilidade ou mesmo em uma hipervisibilidade obscena (Miskolci, 2017, p. 149).

Recorrendo à conceituação do referido autor, é possível evidenciar as configurações de uma economia difusa que orienta as estratégias de negociação estabelecidas pelos sujeitos com as normas sociais, observando as premiações e punições direcionadas a eles caso sigam ou desafiem os *scripts* hegemônicos na ritualização da vida cotidiana nos espaços de sociabilidade, a exemplo das instituições educacionais.

A experiência de escolarização, a partir do recorte analisado neste trabalho, se configura como relevante para compreender o funcionamento das normas sociais enquanto uma *biopolítica*⁴ de produção de corpos e subjetividades. As contribuições de Foucault (2008) são aqui utilizadas para analisar as políticas de normatização e as resistências a elas estabelecidas no âmbito educacional.

Refletir sobre a experiência supracitada se torna uma pauta importante, sobretudo no momento histórico vivido pela educação brasileira, especificamente na arena de disputa entre o recrudescimento conservador e as políticas de visibilidade de identidades de gênero e orientações sexuais para além da ordem binária.

⁴Conforme a analítica de Foucault (2008), o conceito de *biopolítica* pode ser compreendido como o modo pelo qual as relações de poder funcionam em termos de agenciamento direcionado à população, inclusive no âmbito do Estado, embora não se limite ao mesmo. Não se trata de mecanismos de poder direcionados aos corpos individuais, mas ao corpo-espécie, onde se instauram estratégias de governamentalidade.

A canalização de uma *biopolítica* de gênero e orientação sexual, conforme analisa Foucault (1999), faz parte da agenda educacional desde do século XIX, mas ela se adensa nas tramas da história e consegue se delinear de forma mais evidente nos dias atuais, sendo nossa tarefa neste texto analisar as particularidades da esfera da educação brasileira.

O discurso das políticas neoliberais que permeia a educação nacional, sobretudo a partir da última década, reverbera mecanismos de exclusão dos sujeitos dos espaços escolares e acadêmicos, particularmente a partir das reformas educacionais. A concepção de autonomia individual, da *escola da escolha*, demonstra suas contradições quando as pautas voltadas para o gênero e orientação sexual entram em cena. Os sujeitos, na interpretação desse discurso, podem escolher seus futuros, mas não podem definir seus gêneros e orientações sexuais. Liberais na economia e a contrapelo em parte dos sistemas de ensino, mas conservadores nos costumes, algo que alinhava essa estranha forma do neoliberalismo à brasileira.

Investigar as questões de gênero e sexualidade na escola faz parte da minha agenda enquanto pesquisador há quase uma década, iniciando ainda na minha primeira formação na graduação, passando pela pós-graduação e continua até os dias atuais. Este trabalho é fruto de uma pesquisa mais ampla desenvolvida em 2022 no nível de pós-graduação, sendo, um recorte desta não desenvolvido ainda em trabalhos anteriores.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, observando as nuances do objeto e os desafios do contexto em que foi desenvolvida, o ano de 2022, momento em que estávamos saindo da fase mais crítica da pandemia da Covid-19. A pesquisa qualitativa, conforme Minayo e Guerriero (2014), é importante para compreender os contextos sociais e históricos em que as experiências sociais e subjetivas dos interlocutores são constituídas. Realizamos, com os/as participantes selecionados/as para este trabalho, entrevistas abertas, utilizando um roteiro breve para orientar algumas questões voltadas para as experiências vivenciadas no âmbito familiar, educacional, religioso e o processo de constituição de suas performances de gênero e orientações sexuais.

Entre os/as participantes selecionados/as para este trabalho, duas pessoas fazem parte do meu círculo de interações e as demais foram indicações destas. As entrevistas foram realizadas através da plataforma *google meet*, e com uma das entrevistadas tivemos a oportunidade de realizar uma segunda entrevista presencial. Seus nomes foram preservados durante todo o estudo, bem como na escrita de trabalhos produzidos a partir dele. Os nomes que aparecem na sequência são fictícios, visando a preservação de suas identidades. As entrevistas tiveram em média uma hora de duração, embora algumas extrapolaram ou tiveram um tempo inferior.

Do grupo selecionado, a primeira pessoa a nos conceder entrevista foi Brenda, na época com 21 anos. A entrevistamos em dois momentos, sendo um deles através da plataforma *google meet* e a segunda na universidade em que cursa graduação em Educação Física. Brenda se define como do gênero feminino e prefere não definir uma posição fechada em relação à sua orientação sexual, embora se pense mais próxima da bissexualidade. Sua experiência na educação básica se deu a partir da inserção em escolas da rede privada.

O segundo entrevistado foi Gael, universitário de 24 anos no período da entrevista. O entrevistamos por duas vezes pelo *google meet*, embora tenhamos nos encontrado várias vezes na universidade em que estudamos. Ele se pensa como cisgênero e homem gay, embora já tenha se relacionado com meninas. Gael estudou a educação básica em escola pública e cursa graduação em Ciências Sociais.

Natasha, nossa terceira interlocutora, naquele momento com 21 anos, se pensa como travesti, embora acione, em alguns momentos, a identidade de *mulher trans*. Contudo ela afirma que não se sente confortável com as caixinhas identitárias construídas pelas normas sociais e pelo próprio movimento LGBTQIAPN+. Natasha cursa graduação em Filosofia e sua trajetória na educação básica se deu, predominantemente, em escolas da rede pública, embora tenha passado também pelas escolas privadas.

Sam, a quarta pessoa entrevistada, na época com 23 anos, se pensa de forma mais aproximada como pessoa não binária em termos de gênero e androsssexual, embora questione, em alguns aspectos, os mecanismos de classificação engendrados pelas identificações disponíveis em relação às variáveis em análise. Sam cursa graduação em Letras com habilitação em Língua Inglesa. Sua passagem pela educação básica se desenvolveu em escolas da rede privada.

Em relação à organização do texto, no primeiro capítulo trataremos, através do referencial teórico e das narrativas apresentadas nas entrevistas, as experiências dos sujeitos a partir da tessitura das performances de gênero e de orientação sexual. No segundo capítulo problematizaremos as estratégias de controle das expressões da dissidência de gênero, orientação sexual e as negociações estabelecidas pelos interlocutores/as no âmbito da educação básica. Para o terceiro capítulo reservamos a análise das questões apresentadas por eles/elas no âmbito universitário e seus desdobramentos. Fechamos nosso trabalho com as considerações finais, seguidas pelas referências utilizadas.

CAPÍTULO I – AS CILADAS DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Ainda no final da década de 1940, no seu *Segundo Sexo*, a filósofa francesa Simone de Beauvoir (1970) questiona o processo de construção do gênero ao problematizar a produção deste através dos condicionamentos socioculturais. Ao enunciar que ‘*não se nasce mulher, torna-se*’, a autora focaliza os mecanismos de construção das mulheres enquanto parte das injunções culturais. Deslocando o gênero das amarras biológicas, ela cai nas ciladas da compulsão cultural. As análises propostas pela referida autora não enfatizam que a própria dimensão biológica é investida pelos discursos e saberes articulados pelas relações de poder em funcionamento no tecido social.

Numa linha de reflexão que percebe o gênero enquanto uma categoria engendrada pela história, Scott (1995) argumenta que esta é objeto de condicionamentos sociais e históricos, construídos através dos discursos que enformam as experiências dos sujeitos. Nessa perspectiva, ainda não é possível articular as configurações de gênero e orientação sexual aos mecanismos reiteráveis, mas sempre vacilantes, operacionalizados pelas normas em dominância no tecido social de modo mais amplo.

Butler (2019), ao compreender o gênero e orientação sexual enquanto dimensões performáticas, inaugura um campo de reflexão que questiona os processos de construção de identidades. Pensando desse modo, as identidades são analisadas sob o prisma dos mecanismos normativos que definem as fronteiras e os sujeitos que posteriormente passam através delas a se representar. Gênero e orientação sexual pensados nessa chave interpretativa, tanto nos arranjos binários, quanto nas manifestações da dissidência, enquadram as múltiplas configurações dos corpos, desejos e afetos, sendo que as categorizações identitárias não conseguem abarcar completamente os fluxos, anti-fluxos e as possibilidades de ser, sentir, desejar e se expressar dos sujeitos.

1.1. A construção das performances de gênero e orientação sexual dos/as interlocutores/as de pesquisa

Ao observar as experiências dos/as interlocutores/as desta pesquisa, captadas mediante as entrevistas realizadas, evidenciamos que as identidades, além de construções sociais, discursivas e epistemológicas, atuam como reguladoras das performances dos sujeitos, forjando-os nas tramas das relações de poder que alinhavam as várias instâncias da vida social.

Recorrendo à analítica de Foucault (2010), percebemos que as relações de poder enformam as experiências dos sujeitos convergentes e dissidentes em termos de gênero e de

orientação sexual. As construções identitárias, nesse processo, embora ainda tenham sua relevância do ponto de vista de organização política, funcionam como uma cilada normativa que expressa a paixão pelo controle, condicionando os fluxos, anti-fluxos nas tramas da ambiguidade que constituem os sujeitos nas suas múltiplas configurações.

Os entrevistados nesta pesquisa questionam as *caixinhas* identitárias disponibilizadas pela sociedade/cultura, deslocando as possibilidades de sentir e vivenciar suas experiências em relação às variáveis em análise. Ao resistir aos imperativos de definição a partir de fronteiras rígidas, seja dentro das configurações binárias hegemônicas ou através das expressões da dissidência, tensionam as fronteiras dos *regimes de inteligibilidade* em funcionamento no tecido social, em consonância com Butler (2019; 2020).

Vejamos o que Brenda nos enuncia em relação à sua performance de gênero e orientação sexual:

Gênero, feminino, mulher, né? A questão sexual, eu me identifico mais como bi, mas no geral, eu prefiro não me identificar. Eu prefiro! Fica uma questão: se eu tiver vontade de me relacionar com homem ou com mulher, eu vou estar disposta pra isso, eu vou ter essa liberdade ou se eu só quiser me relacionar com mulheres, tudo bem? Sem me botar tabus ou me enfiar numa caixinha, como a gente tinha falado anteriormente, né? Me botar numa caixinha: ‘eu sou bi, tenho que me relacionar com isso e isso, somente, não posso mais me permitir a nada’ (Brenda, estudante).

As fronteiras enrijecidas que fazem funcionar a *performatividade* de gênero marcam as experiências dos sujeitos, seja numa configuração convergente ou dissidente. Desse modo, as caixinhas identitárias que extrapolam a ordem binária de gênero, colocando, em certa medida, esta categoria em debate, instauram normatividades funcionais às técnicas de produção e controle dos sujeitos. Embora elas ampliem as possibilidades de performances de gênero, expressões de gênero e orientações sexuais, operam numa perspectiva normativa, construída a partir de experiências socioculturais e subjetivas historicamente situadas.

Foucault (1999) nos apresenta chaves interpretativas relevantes para compreender esse processo, ao analisar a moral vitoriana, evidenciando que colocar a sexualidade em debate e, neste caso, as performances de gênero, não significa o afrouxamento das normas sociais, mas uma sofisticação das técnicas de poder.

Antes mesmo de analisar as identidades de gênero e orientações sexuais, é importante fazer este recuo para compreender que as relações de coerência e continuidade entre corpos, gêneros, práticas sexuais e desejos são aspectos que constituem os mecanismos de reconhecimento dessas variáveis pela ordem hegemônica. Butler (2019, p. 43) é assertiva ao

indagar: “em que medida as práticas reguladoras de formação e divisão do gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito, e, a rigor, o status autoidêntico da pessoa?”

Conforme as análises da referida autora, o *status* de sujeito é construído nas tramas dos *regimes de inteligibilidade*, sendo estes responsáveis pelas reiteraões performáticas, bem como pelo funcionamento das normas regulatórias culturalmente elaboradas. A emergência de seres cujas *incoerências* e *descontinuidades* de seus corpos, gêneros, desejos e práticas sexuais colocam em xeque este *status*, ao questionar os códigos de reconhecimento socialmente elaborados.

Vejamos que Brenda, ao não desejar se identificar em relação à sua orientação sexual, quebra a coerência e continuidade estabelecidas pelos discursos hegemônicos e também por discursividades dissidentes. Sua forma de experienciar a sua sexualidade desafia as fronteiras dos *regimes de inteligibilidade* hegemônicos e dissidentes de gênero e de orientação sexual, bem como das políticas de identidade.

Tratando mais especificamente do momento em que se percebe como diferente em relação ao modelo da *heteronormatividade* que rege as orientações sexuais dos sujeitos, Brenda narra um momento importante de sua experiência.

Assim, eu tenho por mim que eu me descobri quando eu tinha uns onze, doze anos, quando eu fazia o 7º ano, certo? Acho que, eu tenho a certeza pra mim quando, aquele negócio, me apaixonei por uma amiga, né? Aí foi que eu tive a certeza, quando eu me apaixonei por uma amiga minha, na época que eu tinha doze anos. Na época de escola, pra tu ter noção, é, nessa época eu fingi gostar de menino, pra não ficar tão óbvio rrsrrs pras minhas outras amigas que eu gostava dessa menina, entendeu? Aí eu fingi que gostava de um menino da nossa turma, para não parecer que eu gostava dela, sabe? (Brenda, estudante).

A fala de Brenda, inicialmente, mostra a sua paixão por uma amiga de escola e, por este sentimento direcionar-se a outra pessoa do mesmo sexo, nossa interlocutora percebe que sua orientação sexual não se encaixava nas configurações estabelecidas pela *heteronormatividade* enquanto ordem hegemônica. A sensação de *incoerência* e *descontinuidade* entre sexo, gênero e desejo, marca a experiência de se descobrir, de se perceber como fora do modelo de orientação sexual em dominância no tecido social. Refletindo sobre as dobras que enformam a narrativa citada, as análises de Miskolci (2012) e Butler (2019) oferecem elementos para compreender que as expressões da dissidência são forjadas nas relações estabelecidas com a convergência em termos de gênero e orientação sexual. A partir da ordem binária se instauram as fronteiras regulatórias que regem as concepções sociais e subjetivas dos sujeitos, sendo os afetos e sentimentos interpretados a partir desta. Quando a referida autora fala da produção da coerência interna do sujeito, ela recorre à psicanálise para compreender como as normas sociais

alinham a própria percepção que os sujeitos têm de si mesmos nas tramas da *performatividade* de gênero e orientação sexual.

Ao se perceber como diferente em relação à matriz heterossexual, nossa interlocutora, aos doze anos, negocia com as normas de gênero e orientação sexual vigentes naquele espaço. A experiência de descobrir-se foi forjada nas teias discursivas que produzem a ordem binária da *performatividade*, produzindo o elemento do medo, fazendo com que Brenda lidasse de modo estratégico com as normas que regem seu corpo e suas performances no espaço social e educacional. Fingir gostar de um menino para esconder seus sentimentos funciona como uma forma de se manter a salvo das quebras de laços e vínculos que poderiam acontecer caso essa dimensão de sua vida fosse revelada.

Miskolci (2017) fez uma análise sobre os modos pelos quais os sujeitos modelam suas performances de gênero e orientação sexual para atender aos condicionantes contextuais da *performatividade* referida a estas variáveis. Ser ou parecer heterossexual, como aponta as suas análises, ainda é uma moeda de troca importante na economia estabelecida pelos *regimes de visibilidade* dos sujeitos nos vários espaços sociais.

Quais ganhos ou perdas Brenda teria, naquele momento, se revelasse a sua paixão pela amiga? Certamente, essas questões orientam as negociações dos sujeitos com as normas, mas é importante não as interpretar apenas em termos de escolhas puramente racionais, feitas por sujeitos definidos como agentes autônomos, visto que eles agem de acordo com as relações de poder, as tensões e os conflitos - sociais e subjetivos - que suas decisões implicam, tratando-se, portanto, de uma agência condicionada.

Na trama de sua narrativa, Brenda nos conta que embora tenha se percebido como tendo uma orientação sexual fora da matriz heterossexual aos doze anos, ela somente a revela para a escola, bem como para sua família, anos depois. Isso é importante para compreender as tensões, o medo das reações e as negociações estabelecidas pelos sujeitos nos espaços sociais em que circulam.

Essa relação também se estabelece no âmbito intraindividual, na autopercepção do sujeito, como analisa Butler (2019). Brenda nos conta que nunca encarou seu desejo como algo errado e que decidiu publicizá-lo no momento em que se sentisse confortável. Disse que não negaria caso fosse questionada acerca dessa dimensão de sua vida, mas, mesmo fazendo esta interpretação, é possível perceber que as tensões e os medos permearam o modo pelo qual ela lidou com os espaços de socialização em que circulava.

Os agenciamentos convergentes e dissidentes em relação às normas que regem as performances de gênero e de orientação sexual, instauram nos sujeitos mecanismos de

autocontrole, conforme analisa Foucault (2010). Vejamos como essa concepção ajuda a compreender a experiência de Brenda em relação aos relacionamentos por ela vividos.

Ainda no ensino médio, Brenda viveu um relacionamento com uma garota. A família desta não aceitou o relacionamento, bem como culpou a nossa interlocutora pela orientação sexual de sua namorada. Este relacionamento foi perpassado pelas estratégias constantes de negociação no tocante à visibilidade de manifestações de afeto em espaços públicos, forjando, em alguns aspectos, a subjetividade delas. Nesse processo de constituição das dimensões subjetivas dos sujeitos, de acordo com Miskolci (2017), as interpelações sociais regidas pelos *regimes de visibilidade* de gênero e orientação sexual afetam as malhas de visibilidade e invisibilidade de manifestações de desejos e afetos nos espaços públicos de sociabilidade. Esta primeira experiência de Brenda estabelece linhas performáticas de autocontrole em termos de visibilidade pública de afetos, ao passo que ela experimenta o choque ao estabelecer outro relacionamento no qual as manifestações públicas de afeto faziam parte da relação.

Quando chegou no segundo relacionamento, eu até me assustei porque ela pegava na minha mão e saía andando comigo no meio da rua. Aí eu fiquei, *eita*, porque eu já tava tão presa no meu antigo relacionamento, no qual eu não podia demonstrar nada em público, que tinha de agir de forma mais fechada, que quando eu me envolvi com uma pessoa que era mais aberta a isso, não tinha medo de demonstrar em público, nem nada, eu me assustei (Brenda, estudante).

A experiência de choque vivenciada por Brenda é importante para compreender as dobras do poder na constituição dos sujeitos. Foucault (2010), ao examinar a construção do sujeito moderno, evidencia as malhas de poder que enformam esse projeto. O sujeito não se constitui como uma entidade autônoma, que administra de modo soberano as relações sociais de que participa. Ele se configura como um projeto, multifacetado e alegórico, produzido pela injunção de um conjunto de discursos, saberes e performances que estabelece os limites da inteligibilidade, da dizibilidade e da visibilidade.

As contribuições de Foucault (*idem*) nos ajudam a analisar a experiência de Brenda, sobretudo o deslocamento subjetivo que a mesma experimenta na transição de suas posições em termos de relacionamentos amorosos. Brenda, no seu primeiro relacionamento, experimentou o funcionamento da ordem normativa da *heteronormatividade*, bem como dos regimes performáticos de visibilidade, tornando sua experiência invisibilizável, sobretudo pela pressão familiar exercida pela família de sua namorada à época. Essa pressão forjou uma espécie de subjetividade pautada na negociação constante de visibilidade em termos de orientação sexual, não podendo as então namoradas demonstrarem afeto em público. Brenda,

em alguns aspectos, internalizou essa posição e, mesmo após o término do relacionamento, este *ethos* se manteve por algum tempo.

O segundo relacionamento vivido por Brenda, deslocou e alargou essa configuração de visibilidade, indo para uma zona na qual se mostrar, apresentar seu desejo em público fazia parte do cotidiano, o que gerou nela um choque inicial. Ela passou pelo processo de estranhamento e, desse modo, passou a interpretar a forma de lidar com a visibilidade dos seus desejos de outra maneira.

Brenda, como qualquer outro sujeito, esteve sempre em processo de transformação e negociação com as normas que a constituíram, sendo a produção de sua subjetividade um projeto forjado nas tramas da história e da cultura, alinhavado pelas relações de poder e pelas técnicas de cuidado si (Foucault, 2010).

A narrativa de Gael demonstra como a trajetória dos sujeitos moldam as suas performances de gênero e de orientação sexual, sobretudo a partir das relações estabelecidas nos espaços de sociabilidade em que circulam.

Então, assim, eu nasci em um lar evangélico e, desse percurso todo, é, principalmente, pra, pra, pra gente que é LGBTQIA+, a gente, a gente não, não, a gente cresce se anulando, na verdade. E aí, por muito tempo eu tive, sempre tive, é, tipo assim, atração por meninos. Sempre pensava, mas tentava me retrair por todo o meio no qual estava inserido, principalmente no âmbito religioso. Isso foi muito forte e muito pertinente e pesado na minha infância e essa anulação percorreu comigo até o ponto que eu, já na minha fase de jovem, adolescente, de eu começar a me abrir pra me conhecer a mim próprio, entender certas coisas e eu acho que me abstrair daquelas verdades absolutas que ali circulavam (Gael, estudante).

A ordem normativa que constitui os espaços de sociabilidade tem esse potencial regulador dos corpos e subjetividades, sobretudo em relação aos indivíduos que desafiam os *regimes de verdade* instaurados pelos discursos performativamente chancelados socialmente (Foucault, 1999).

A experiência descrita por Gael como de *anulamento* em relação ao seu desejo reflete a posição que a dissidência em termos de orientação sexual ocupa no tecido social, expressa pela denominação de comunidade LGBTQIAPN+. Sentir atração por uma pessoa do mesmo sexo funciona como uma incoerência em relação aos códigos morais e, por isso, a posição dos sujeitos que expressam desejos que borram as fronteiras da heterossexualidade é altamente depreciada e vigiada para que não ameace a ordem estabelecida. Não se trata apenas de negar o desejo, mas de estabelecer linhas de controle para que ele não se torne subversivo, impondo-se sanções à dissidência e lhe impondo técnicas de negociação ou anulação do que se sente, pelo menos nos espaços públicos.

Miskolci (2017, p. 29) argumenta que “o pressuposto que mantém as regulações da sexualidade invisibilizadas reside na manutenção do desejo como algo natural, uma espécie de impulso pré-cultural a definir os interesses sexuais e amorosos”. Nessa perspectiva, a heterossexualidade ocupa uma posição ‘naturalmente’ definida, enquanto as outras configurações sexuais aparecem como dissidentes, processo que encobre as tramas discursivas, epistemológicas, históricas e socioculturais que produzem estas posições.

Os discursos que operam regulando a sexualidade, na experiência de Gael, marcaram sua trajetória durante anos, até o momento em que ele faz um deslocamento paradigmático, afastando-se das verdades estabelecidas nos espaços em que circulava. A transição para outras performances de orientação sexual de Gael se deu a partir da abertura das instâncias de socialização em outras esferas da vida social, produzindo, dessa feita, o afastamento dele dos discursos e epistemologias religiosos que marcavam fortemente a sua trajetória de criança e adolescente.

Os *regimes de verdade* que constituem as fronteiras da sexualidade foram deslocados e isto produziu esse efeito de necessidade de se entender e interpretar o próprio desejo. Esses deslocamentos paradigmáticos acompanham os sujeitos na construção de suas estórias, se deslocando no tempo e no espaço das tramas de se constituir. Essa constituição é sempre conectada as condições sociais e históricas que permitem a visibilidade das experiências individuais e coletivas como amplamente discutido por Scott (1998).

Nas tramas de sua estória, Gael estabeleceu negociações com os campos em que circulava. Esse *estilo camaleão*, como ele mesmo nomeia na sua entrevista, é recorrente nas reações de divergentes em relação à força impositiva da normatividade em funcionamento no tecido social. Vejamos um trecho em que ele trata de forma mais direta sobre este ponto:

Essa performance, principalmente quando a gente vai separar, né? Entre o campo família que é uma performance, o campo trabalho, o campo dos amigos [...] logo no início tinha certa mudança, a depender do âmbito, mas essa mudança as vezes era nociva, no sentido de onde eu sempre colocava, é, as normatividades daquele determinado campo à frente do que de fato eu era. É, subentendendo coisas totalmente negativas, inicialmente, que hoje eu revejo tudo isso e fico: ‘poxa, você se deformou todo, tentou se adequar a uma caixinha por conta de determinado local, de determinada situação’ (Gael, estudante).

Gael demonstra que na sua trajetória, durante parte de sua vida, adaptou as suas performances relativas às categorias em análise às normas em atuação nos espaços em que circulava. A operacionalização da ordem cisheteronormativa atua de forma diferente nos espaços de sociabilidade e os seus níveis de incidência são indexados às relações sociais e seus atores. Nas instituições religiosas, nas escolas, na família, nos ambientes de trabalho, dentre

outros, a focalização das questões de gênero e de orientação sexual apresenta espectros diferenciados e por isso a necessidade de múltiplas representações do eu (Goffman, 1985).

Pensando com Miskolci (2017), essas negociações dos divergentes se estabelecem de modo a se aproximarem dos *regimes de visibilidade* de gênero e orientação sexual em dominância no tecido social, impondo aos sujeitos custos sociais e emocionais. Não se trata de um processo sem ônus para aqueles e aquelas que são tensionados/as a negociarem seus afetos, desejos, performances de gênero e orientação sexual com as *performatividades* que orientam as fronteiras dos *regimes de verdade* estabelecidos socialmente.

Essa negociação se torna algo nocivo para Gael, sobretudo pelas dobras das normas, confrontando-se com seus afetos e desejos. Sentindo-se incomodado pelas concessões, Gael se insurge e enfrenta as fronteiras normativas, desenvolvendo uma postura firme em relação à sua sexualidade, privilegiando seus afetos em detrimento das pressões sociais estabelecidas.

Vejamos um trecho em que Gael traça um paralelo desse processo com as configurações identitárias que constituem as performances de gênero e orientação sexual em esferas convergentes e dissidentes.

Pronto, só pra eu deixar claro, hoje eu caminho numa dúvida interna minha, né? Que eu já caminhei em outros aspectos, mas aí foi uma questão muito minha. É, eu tive relacionamentos com meninas também, mas eu sempre reconheci que eu tive atração por meninos. Então, nesse âmbito, eu não me assumi como pessoa bissexual. Por quê? Porque as pessoas iriam dizer muito do que eu escuto, preconceituosamente, e até dentro da comunidade hoje: de que eu seria uma pessoa indecisa e aí ia reforçar os estereótipos. Só que até hoje eu acho que é um caminho que eu devo seguir por mim e eu devo ficar à vontade. Não preciso ter esse, esse, esse brasão fechado, entende? Então, eu preferi me assumir como homem gay e então assim, as pessoas que eu me relacionei, as meninas que eu me relacionei sabiam que, de fato, também ficava com meninos (Gael, estudante).

A partir da interpretação do fragmento citado percebemos que os sujeitos estabelecem conexões complexas com as normas sociais convergentes e dissidentes ao passo que interpretam e constroem suas experiências a partir daquelas. A dúvida que Gael tem não passa apenas pelas configurações subjetivas de tentar se entender, mas de uma relação simbiótica entre as dimensões sociais e subjetivas. Embora reconheça que a atração por pessoas do mesmo sexo faz parte de seus afetos, também se relacionou com meninas, mas prefere não se assumir como bissexual pelos estereótipos associados a esta performance de orientação sexual.

Levando em consideração as teias das relações sociais e as políticas de identidade, Gael se assume como homem gay, uma identidade, que, assim como as demais, se constrói estabelecendo fronteiras e normatividades. Compreendendo a atuação da *performatividade* de gênero e orientação sexual, percebemos que as identidades são construídas nas estilizações

performáticas reiteráveis, portanto, sempre em processo de produção, reificação e questionamento. Como analisa Butler (2019, p. 56) “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* construída pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados”.

As caixinhas identitárias, em suas configurações normativas, ganham densidade e inteligibilidade nas estilizações e reiterações performáticas estabelecidas pelos corpos e pelas ideias de pertencimento a elas atribuídas. Forjadas nessas tramas ambivalentes, não há um fazedor/agente por trás da obra, a obra é de onde se pode interpretar estas configurações. É através dos corpos e subjetividades produzidos nas teias das relações de poder em forma de códigos normativos que elas aparecem e ganham uma dimensão de substancialidade.

Ao problematizar a atuação das normas sociais, percebemos seu caráter não apenas restritivo, mas produtivo e proliferante. Trata-se de mecanismos ambivalentes que definem as fronteiras do pensável e, a contrapelo, os modos pelos quais as posições sociais dos sujeitos são definidas. A fala de Sam demonstra a vertente produtiva da norma na tessitura das autopercepções dos sujeitos.

Assim, a minha descoberta, na verdade, foi desde, desde criança. Eu percebia ali nos meus contatos com, com as pessoas, né? Com os coleguinhas de turma, você já acaba percebendo que tem alguma coisa diferente com você, entendeu? Que você não é percebido dentro daquele meio da mesma forma como as outras pessoas são. E acredito que no âmbito familiar isso não era muito claro pra mim até chegar o momento em que um tio meu, ele, pessoas, aliais da minha família como tios, talvez o meu pai, eles percebiam trejeitos em mim que não eram condizentes, dentro da mente deles, com o que deveria ser, os trejeitos relacionados ao meu gênero e aí eles reprimiam. E nisso eu já comecei a identificar que tinha alguma coisa diferente comigo e, a partir de então, é, foi como fui tentando identificar o que era isso até o momento em que eu cheguei e descobri que se tratava da minha orientação sexual e, mais tarde, da minha identidade de gênero (Sam, estudante).

Os discursos que ecoam nas relações sociais estabelecem interpretações sobre os sujeitos e, desse modo, estabelecem modelagens nas relações cotidianas. Mesmo criança, Sam já consegue perceber que existe formas diferenciadas direcionadas a ele e aos outros colegas de turma. Os mecanismos de interdição, as paradigmáticas performances de masculinidade e feminilidade, os ditos e não ditos são mecanismos de produção e classificação das performances de gênero e orientação sexual. Como analisa Butler (2019), esses discursos atuam performaticamente estabelecendo os limites do pensável e as posições abjetas.

Atuando de modo ambivalente, a repressão pode desempenhar um caráter alegórico, chamando a atenção para um elemento que não havia ainda sido percebido pelos sujeitos. Os discursos que produzem esses enquadramentos podem despertar o interesse daqueles/as que não se encaixam nos padrões estabelecidos para entender os porquês dessa insistente norma

performativa e, a partir desse deslocamento, descobrir que a diferença é parte constitutiva de suas experiências. Essa dobra da interdição faz parte das normas sociais. É preciso que a dissidência exista como contraponto para que a convergência se estabeleça como tal.

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo (Foucault, 1999, p. 96).

Os discursos dos familiares de Sam ao tentar enquadrar seus trejeitos numa suposta coerência entre sexo e gênero, que se configuram como instrumentos de poder, são reconfigurados e suas dobras permitem a resistência. Sam desenvolve um jogo complexo, estabelecendo deslocamentos paradigmáticos a partir da interdição e descobre que o não enquadramento faz parte de seu modo de se pensar enquanto orientação sexual e performance de gênero. Desse modo, percebemos que a produção das múltiplas identidades faz parte desse jogo complexo e instável de poder onde os discursos atuam como deslizamentos rizomáticos.

É, sobre identidade de gênero, primeiramente. Na verdade, pra mim é uma questão complexa porque eu venho tentando entender isso. Ao mesmo tempo que a sociedade prega que a gente tem que se colocar dentro de caixinhas, eu meio que tento ainda me encontrar, tentando, mas assim, tento me encontrar, mas, é, o que eu mais considero que chega mais perto do que eu me identifico, seria a não binariedade de gênero. E tendo em vista a não binariedade, é, levando agora para a questão da orientação sexual, minha orientação sexual, considerada a não binariedade de gênero, né? Eu seria uma pessoa androsssexual, que seria uma pessoa que se atrai por pessoas do gênero, que se identifica com o gênero masculino (Sam, estudante).

Quando perguntamos sobre a sua performance de gênero e orientação sexual, Sam responde que se trata de um processo em que tenta se encontrar, embora exista uma pressão social para se definir. Essa pressão sentida faz parte das políticas de identidade que produzem enquadramentos sobre os corpos, para estabelecer *regimes de inteligibilidade* de gênero que categorizem e estabeleçam os limites do pensável. Não se trata de um projeto subversivo em termos de questionamento das normas sociais, como analisado Butler (2019, 2020), mas de estratégias de normatização das experiências convergentes e dissidentes dos sujeitos definindo seus *status*.

A busca de Sam por se encontrar, em certo sentido, responde às imposições das políticas de identidade, mas também nos apresenta um elemento para compreender os deslocamentos constantes dos sujeitos na construção de suas histórias. A sexualidade e as performances de gênero não repousam sobre os corpos sexuados, tampouco são entidades imutáveis, mas em constante processo de fluxos e descobertas, nos quais as identidades, sejam elas binárias ou

múltiplas, não serão jamais completamente catalogadas. Para tentar dar conta desse caráter polimorfo das identidades de gênero e de orientação sexual, a *performatividade* binária de gênero e a *heteronormatividade* atuam como limitadoras das experiências, dificultando que os sujeitos experimentem as inúmeras possibilidades de existir em relação às variáveis em análise.

Sobre como lidou com a visibilidade de sua performance de gênero e orientação sexual, Sam nos diz que:

Eu não me sentia confortável em abrir essa questão. Eu já sabia que tinha algo diferente comigo porque a sociedade me dizia isso, mas eu não me sentia confortável em abrir essa questão para outras pessoas por medo mesmo de ser julgado, por não saber quem estava comigo, de fato, quem é que iria me apoiar. E aí acho que quando, quando ocorreu o fato determinante pra me “assumir”, pra eu acabar falando publicamente foi, é, quando minha mãe acabou pegando mensagens minhas com outras pessoas, é, de relacionamentos e afins (Sam, estudante).

No trecho citado, Sam traz um elemento importante para compreendermos a necessidade dos sujeitos negociarem a visibilidade de suas performances de gênero e orientação sexual, *o medo*. O medo de ser julgado, as incertezas sobre quem lhe apoiaria, reflete nas decisões dos sujeitos em publicizar ou não essa dimensão de suas vidas. A sociedade que mostra para os sujeitos que eles são diferentes, é a mesma que estabelece os *regimes de visibilidade* aceitáveis, em grande medida, através do medo (Miskolci, 2017).

Miskolci (2014) destaca ainda que é através dos xingamentos que classificam e menosprezam os sentimentos, desejos e afetos experimentados por indivíduos considerados não sujeitos pela ordem hegemônica que eles aprendem a temer a ridicularização, a zombaria, o cancelamento, defendendo-se deixando de expressar o que sentem.

Natasha, em suas narrativas sobre o processo de tornar-se quem é, destaca os fluxos que enformam a construção dos sujeitos. As performances, os desejos, os afetos, dentre outras dimensões destes, encontram-se sempre em processo de produção, definição, reconfiguração, negociação, contradição e ambiguidade. Dessa forma, é importante compreender que as normas, as identidades e os discursos atuam condicionando as experiências, mas também são desafiados por elas, precisando de reiteração constante e vigilância contínua. Problematizando essas questões identitárias, nossa interlocutora enuncia: “A identidade, pra mim, ela está num espaço para além do termo, para além de uma definição. Ela vai para uma construção, de fato, e essa construção, ela não consegue se capturada” (Natasha, estudante).

Na fala de Natasha encontramos na prática o que afirma Butler (2019), do ponto de vista teórico, argumentando que as identidades, enquanto *performativamente* construídas dentro de uma estrutura altamente enrijecida, não conseguem acomodar as experiências dos sujeitos. Ao

se configurar como ordem normativa reiterável, a *performatividade* atua na perspectiva de produzir performances funcionais às técnicas de controle social em termos de *biopolítica*, bem como na dimensão disciplinar, dobrando-se sobre os sujeitos em termos de cuidado de si (Foucault, 2010). O *modus operandi* normativo pelo qual as identidades são construídas é sempre vacilante, expressando-se nas teias das negociações estabelecidas entre os sujeitos e as normas sociais enformadas pelas ambiguidades. Esse processo nunca se completa uma vez que as performances de gênero, bem como as expressões de desejo, afetos, fluxos e anti-fluxos que constituem as possibilidades de sexualidade humana ultrapassam os limites impostos pelas identidades, enquanto tipificações ideais, numa perspectiva weberiana.

E aí quando eu começo conhecer, me afirmo enquanto pessoa não binária, porque compreendo que não sou homem, não sou mulher e não necessariamente tenho que ser isso e nem estar numa dimensão superior, num outro espaço, mas experienciando o gênero da maneira que quero, a partir das coisas que quero, me guiando pelo meu próprio desejo, né? Então, o que eu gosto de usar, o que eu quero usar e o modo como eu me sinto confortável sendo vista, o modo como eu me sinto confortável existindo, vivendo, né? E isso para além do gênero porque eu entendo que o gênero é uma categoria da minha vida, é um espaço que eu ocupo, que a minha subjetividade perpassa, mas que não é uma habitação, não é um espaço em que eu chegue, me afirme e me finque. É uma prática, eu faço o gênero, eu construo o gênero (Natasha, estudante).

O fragmento da entrevista acima é importante para compreender os processos pelos quais os sujeitos são submetidos quando não se encaixam no repertório identitário convergente e divergente em termos de gênero e orientação sexual. Natasha se pensou, no início do seu transicionar, com referência a outras performances para além do *script* binário, como pessoa não binária, embora ao longo do processo ela borre essas fronteiras e se pense a partir de outras perspectivas identitárias. Vejamos que ela não se percebe enquanto homem, nem enquanto mulher e, nessa percepção que desestabiliza as fronteiras dicotômicas, a identidade de pessoa não binária lhe é oferecida como opção dentro de um cardápio disponível para ser performatizado.

Conforme Butler (2020) e Miskolci (2017), as identidades dissidentes - em relação às variáveis que estamos problematizando -, embora ampliem as possibilidades de configurações de gênero e orientação sexual, também operam em uma chave normativa, estabelecendo fronteiras e *scripts* para que os indivíduos as tomem para si.

Natasha é assertiva quando percebe essas dobras da ambiguidade que constituem a necessidade de se adotar uma das identidades disponíveis, desafiando seus limites e colocando-se numa posição que é capaz de borrá-las. De acordo com seu desejo, com sua forma de existir no mundo, ela resiste, mas também experimenta as tensões das relações de poder que tentam

conformá-la às caixinhas que ela recusa. Sua fala faz alusão às questões que Butler (2019) levanta em seu diálogo com a psicanálise, no sentido de destacar que o gênero perpassa a subjetividade dos sujeitos, mas também é atravessado pela incorporação que se faz dele, a partir da qual as performances borram, reconfiguram fronteiras e categorizações, sendo esses borrões considerados abjeções pelos *regimes de inteligibilidade* que fazem o gênero em seu formato binário, bem como pela *heteronormatividade*.

Borrar as fronteiras, desafiá-las com performances divergentes, evidencia os processos sociais e históricos que fazem o gênero e a orientação sexual, ativando-se sempre técnicas de controle sobre essas variáveis, bem como a necessidade de tornar a dissidência abjeta ou eliminável para a manutenção da normatividade social.

Pensando as configurações identitárias de gênero, bem como de orientação sexual, destacamos que existem nuances normativas e hierárquicas que conjuram outros marcadores sociais da diferença, como classe, território, cor de pele, dentre outros. Morar em periferia, por exemplo, conforme a nossa entrevistada relata, complexifica ainda mais o acesso a oportunidades, sobretudo quando se é travesti.

Além de ser travesti, eu sou favelada, né? Eu tenho que me locomover horrores para chegar nos pontos de acesso e as oportunidades tardam a chegar. Mas ao mesmo tempo, no que me tange participar desse diálogo, eu me afirmo tanto como mulher trans, tanto como travesti porque me vejo para além disso. Isso não quer dizer que eu sou menos mulher porque eu tenho barba, como já escutei de algumas mulheres trans e travestis. Isso não quer dizer que eu sou menos mulher porque eu tenho cabelo no peito ou porque minha voz é grossa, ou porque eu sou gorda, ou porque eu sou grande. Meu corpo tá para além disso e eu precisei inventar essas técnicas pra não enlouquecer porque eu sou pobre (Natasha, estudante).

No trecho da fala acima fica evidente a força da interseccionalidade entre gênero e classe social, nela aludida em termos das referências a ser pobre e favelada. É possível ver como a entrevistada coloca em jogo sua resistência às fronteiras interditivas.

Ao borrar as fronteiras binárias, inclusive em termos estéticos, Natasha é questionada acerca do seu corpo, visto que ele não estaria de acordo com o ideal de uma identidade feminina. Pessoas do próprio movimento LGBTQIAPN+, conforme demonstrado, questionam sua autodefinição enquanto mulher, como se o gênero considerado numa configuração de feminilidade, necessariamente, precisasse reproduzir uma modelagem próxima à cisgeneridade.

Essas questões são problematizadas por Butler (2019) no sentido de que não existe um gênero original, autêntico, do qual as outras possibilidades se aproximam ou se afastam. As mulheres trans e travestis não se configuram como uma cópia de um gênero feminino como tradicionalmente definido, visto que o mesmo se estabelece através de uma injunção de

discursos, saberes e performances socialmente estabelecida e não em uma dimensão de natureza ou essência.

Os marcadores de classe e território apresentados por Natasha influenciam as configurações de gênero por ela ativadas, haja vista a não padronização de seu corpo e suas performances de gênero ao ideal socialmente estabelecido do que seria uma mulher trans ou uma travesti. A existência de corpos dissidentes, que não se encaixam nas padronizações de feminilidade ou de masculinidade tradicionais, bem como nas demais performances identitárias disponíveis demonstra que as identidades dissidentes também são normativas e limitadoras.

Como demonstrado na entrevista, é preciso que os sujeitos inventem técnicas, negociem com sua própria subjetividade para sobreviverem às normas que os pressionam. Quando se é pobre, não há como acionar determinados serviços de modelagens estéticas, tampouco se precisa recorrer a elas para se perceber a partir de uma determinada performance de masculinidade, feminilidade, transgeneridade, dentre outras. Essa pressão para reproduzir um padrão são resquícios de elementos que enformam a binaridade de gênero e as estratégias de *passabilidade*, como analisado por Duque (2019) e por Miskolci (2017).

Natasha, ao se afirmar enquanto travesti, procura alargar as possibilidades de gênero para além de uma configuração de gênero dissidente, tentando desestabilizar as fronteiras e as hierarquias construídas socialmente.

Então pra quebrar um pouquinho o raciocínio das pessoas que acham que de um lado está a mulher, do outro está o homem e sempre numa posição hierárquica e reafirmando e reproduzindo isso, a naturalidade do gênero, eu uso travesti para que incomode, para que as pessoas também se sintam ali movimentadas a pensar o que é. Como diz Linn da Quebrada: “eu posso ter uma filha travesti” (Natasha, estudante).

Em seu empreendimento estratégico, nossa entrevistada procura desestabilizar os *regimes de inteligibilidade* de gênero e orientação sexual. Afirmar-se enquanto travesti se configura como uma forma de questionar os regimes binários que enformam as performances de gênero e orientação sexual, inclusive em suas variantes divergentes, evidenciando seu caráter normativo e os discursos em dominância no tecido social que lhes dão suporte.

CAPÍTULO II – O FUNCIONAMENTO DA PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA EXPERIÊNCIA ESCOLAR

A escola, em seu funcionamento intersticial, estabelece hierarquias entre seus atores, ensinando não apenas conteúdos, mas os modos pelos quais se estabelecem as performances que os sujeitos precisam desempenhar para se habilitarem às interações sociais. Quando se recorta o espaço escolar a partir das categorias de gênero e de orientação sexual, através da polícia de identidades e das manifestações de performances consideradas estranhas, a produção dos sujeitos normalizados se constitui como um fim estabelecido por esse projeto.

Trata-se de um projeto que procura, ao mesmo tempo em que enuncia o respeito às diferenças, reprimir as manifestações destas como parte das injunções performativas na tessitura das performances binárias de gênero e da reprodução da *heteronormatividade*.

É nas interdições, nas proibições, nos xingamentos, nos silêncios que se produz a invisibilidade e indizibilidade das expressões das diferenças, e a normatividade se exerce. No momento em que se pressiona para que um/a estudante mude sua postura, suas roupas, seu jeito de falar para não afrontar as normas sociais, se estabelecem os agenciamentos que reproduzem a binaridade de gênero e a *heteronormatividade*.

Brenda nos apresenta, na sua entrevista, uma dimensão importante na feitura dos gêneros, das sexualidades e dos papéis desempenhados pela escola na reprodução da ordem que rege a vida social:

Aí eu lembro que teve uma prova, foi de ciências. A professora de ciências separou, né? Separou as carteiras e tal. Eu tava lá fazendo a minha prova quando do nada ela chega no cantinho, a professora. Eu usava. Ó, ó que coisa mais, sabe? Ai, quando eu lembro ainda fico agoniada. Eu usava o anel no dedo, no dedão. Aí ela chegou assim no cantinho, eu estava fazendo a prova tranquila, fazendo minha prova. Ela chegou assim e falou bem baixinho pra mim: ‘[Nome oficial de entrevistada], troca o anel de dedo, porque anel do dedão é gay’. Aí eu olhei assim pra ela. Eu fiquei sem reação, né? Porque naquela época eu nunca tinha contado pra ninguém que eu gostava da minha amiga. Eu ficava, eu fiquei tipo: ‘será que está na minha cara, assim? Está estampado na minha cara que eu gosto de meninas?’ (Brenda, estudante).

É possível perceber o potencial violento da escola ao confrontar a entrevistada para mudar o uso de um adereço, porque a forma observada denotava uma orientação sexual considerada dissidente. Ao pedir para a estudante mudar o anel de dedo e classificar a posição que ela estava usando como indicativo de dissidência sexual, a professora promove dois movimentos importantes: o primeiro de reforçar a heterossexualidade como padrão socialmente estabelecido; o segundo de classificar a dimensão por ela denominada ‘gay’ como subalterna e acionar no imaginário da estudante gatilhos de negatização relacionados a seus afetos. A

violência desse ato é tão forte que, mesmo depois de anos, Brenda afirma sentir agonia apenas em lembrar da cena.

Como analisa Miskolci (2014, p. 91), “é na escola e dentro dos processos educativos que a maioria de nós aprende o que é socialmente prescrito como a forma correta de desejar, o que é reconhecido como amor e, por conseguinte, o que é rejeitado como inaceitável e abjeto”. As análises do autor supracitado são importantes para compreender a experiência de Brenda no espaço escolar, sobretudo a partir do momento em que ela é interpelada a modificar sua performance. É importante perceber que a professora não procura problematizar as questões de gênero e sexualidade para promover o respeito às diferenças no ambiente escolar, mas atua no sentido de conformar Brenda às normas em vigência. Isso explica o papel da escola como instância reguladora, produtora e reprodutora dessas normas, forjando corpos, gêneros, sexualidades, desejos e afetos funcionais à reprodução social nos moldes da cultura dominante.

No contexto do fragmento citado, Brenda estava vivenciando um processo de compreensão de sua orientação sexual, no ensino fundamental, quando havia se apaixonado por uma de suas amigas. Este fato ainda não era algo público e ela negociava seus afetos com as normas em dominância na sociedade e na escola, fingindo gostar de um garoto. Nesse momento dilemático em que ela, ao sofrer a incidência das normas sociais esconde seus sentimentos, as mesmas normas, através de sua professora, incidem novamente sobre ela para que ela modifique seu estilo, por ele, supostamente, denotar uma possível dissidência sexual. A incidência das normas sociais produziu questionamentos acerca da visibilidade dos sentimentos de nossa interlocutora, gerando medo e tensões. Os agenciamentos da *heteronormatividade* e da binaridade de gênero instauram pânico nos sujeitos, moldando seus corpos, desejos e afetos para a reiteração performática normatizada. Conforme Bento (2011, p. 552), “as reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo”.

Considerar as diferenças entre os estágios da trajetória educacional é importante para compreender as tramas da constituição das performances dos sujeitos e o nível de abrangência das normas sociais. Brenda, na mesma escola, anos mais tarde, experimentou experiências mais fluídas em relação às normas que agenciam as performances de gênero e orientação sexual. Na sua passagem pelo ensino médio, ela entrou em contato com experiências de outros/as colegas que visibilizavam suas configurações divergentes de gênero e de orientação sexual, estabelecendo com eles/elas relações com base na identificação, bem como com outros/outras que ainda se encontravam em processo de invisibilidade. Experiências de quebra de vínculos familiares de colegas também são conhecidas por ela, mas o ambiente é mais receptivo à

diferença, sobretudo pelo número de pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ em sua sala.

Mas só pra você ter ideia, foi tipo, na minha sala não era uma e duas pessoas, eram várias pessoas. É tanto que quando traziam as discussões pra sala de aula sobre o tema, se tornava uma coisa, é, muito tranquila. Era tanta gente falando sobre e a favor da comunidade, tudo, que não abria espaço pra muitas questões de tipo, é, ter preconceito nas aulas, na sala de aula, porque na sala a gente abria essas discussões com os próprios professores, sabe? (Brenda, estudante).

A escola se constitui nas tramas da ambiguidade quando é tensionada pela diferença que ocupa seu espaço, sobretudo quando esta demanda reconhecimento, através de debates e expressões performáticas que borram as fronteiras de gênero e orientação sexual. Embora, historicamente, conforme Bento (2011) e Louro (2014), a escola tenha atuado expelindo a diferença, através das demandas atuais dos movimentos sociais, sobretudo do movimento LGBTQIAPN+, este cenário vem sofrendo pequenas fissuras.

A presença da dissidência em termos de gênero e de orientação sexual ocupa o espaço escolar e, embora seja verdade que uma parte importante desse público seja expelida da escola como analisa Bento (2011), sobretudo pessoas transgêneras e travestis, existem mecanismos de resistência que tentam ocupar esses espaços, como aconteceu com a turma de Brenda. Eles/as estão ali e suas existências funcionam como um ato político e revelador em relação às tramas normativas que produzem o gênero a partir da dicotomia estabelecida entre os sexos, gêneros e a canalização do desejo sexual para um polo oposto.

Entretanto é importante que se registre a necessidade de redes de apoio construídas pelos sujeitos. Esse processo evidencia que as expressões da dissidência não se configuram como uma dimensão individual, mas enquanto um reflexo da ordem binária, que coloca na dimensão individual as expressões por ela produzidas. Separar, classificar, hierarquizar é um modo de controlar os sujeitos na sua configuração individual. Conforme a entrevistada, docentes da escola também se ofereceram para ouvir as demandas de estudantes, a exemplo do professor de sociologia da instituição, evidenciando a ambiguidade das relações estabelecidas no âmbito escolar quando as variáveis gênero e orientação sexual entram em cena.

Esse campo de resistência fez com que Brenda passasse pelo ensino médio de modo mais leve do que pelo ensino fundamental, conseguindo conversar sobre seus desejos e afetos. Foi nesse contexto que ela estabeleceu seu primeiro relacionamento sério com uma outra garota e esta experiência, como já descrito anteriormente, teve ressonâncias no campo familiar de sua namorada. Brenda, embora tenha experimentado essa abertura no espaço escolar, vê-se novamente experienciando os efeitos da *heteronormatividade* em outros espaços. Tendo como

referência as pressões familiares de sua namorada, o relacionamento é moldado por constantes negociações de visibilidade, como analisado por Miskolci (2017). Essas constantes negociações se estabelecem a partir do funcionamento da *performatividade* de gênero e orientação sexual em várias instâncias da vida social, sendo os sujeitos pressionados pelos discursos e técnicas de poder que agenciam as suas performances.

Essas questões também atravessam a experiência escolar de Gael. Sua narrativa sobre a passagem pelo ensino fundamental é importante para compreender o modo pelo qual as relações estabelecidas no âmbito escolar enformam as subjetividades dos sujeitos:

Lá no ensino fundamental, vez ou outra uma pessoa soltava uma piada, mas eu sempre fui uma pessoa mais retraída. Hoje eu reconheço que sou uma pessoa que eu consigo me comunicar, consigo falar sobre o que eu sinto, sobre o que eu gosto, sobre o que eu não gosto, mas nem sempre foi assim. Sempre fui uma pessoa muito focada nos meus estudos desde lá atrás, mas eu sofri bullying várias vezes por conta da minha, da minha orientação sexual, só que naquele momento eu não entendia, diretamente, e não sabia como lidar com aquilo, né? Porque eu tinha muitos conhecidos, mas não tinha muitos amigos. Eu sempre fui do grupo mais excluído. Então, isso pra mim, foi um processo (Gael, estudante).

Conforme as análises de Miskolci (2014, p. 81), “a escola ensina aqueles que marca como estranhos a silenciar sobre si mesmos como se fossem abjetos a ponto de deverem manter seus sentimentos escondidos de todos”. Refletindo sobre este potencial da experiência de escolarização, podemos perceber que, em certa medida, é através das piadas, das técnicas de exclusão da diferença, das interdições em termos de visibilidade, ou seja, desse conjunto de violências denominado de *bullying* que a escola ensina quais os padrões socialmente referenciados, ao mesmo tempo em que demonstra para aqueles que não se encaixam na modelagem-padrão sua posição abjeta.

Gael, ao acionar suas memórias sobre sua passagem pelo ensino fundamental, diz que sempre foi uma pessoa retraída. Este retraimento, em alguns aspectos, é marca do processo violento ao qual foi submetido na escola e na sociedade envolvente, sobretudo através das piadas e da exclusão que ele sofreu por não se adequar ao modelo-padrão de orientação sexual. Esses mecanismos de subalternização reprimem as expressões de dissidência para que a convergência seja apresentada como natural e desejada.

Se admitirmos que a escola além de transmitir conteúdos está comprometida com a fabricação de sujeitos, conforme argumenta Louro (2014), teremos elementos para pensar como a experiência de Gael no ensino fundamental encontra-se situada nesse campo de poder no qual as performances de gênero e de orientação sexual são produzidas a partir de processos de estigmatização dos diferentes/divergentes. A experiência de escolarização se articula a partir

das normas que regem as relações sociais e, desse modo, reflete o projeto de sujeito que se pretende estabelecer, sendo os indivíduos que lhes ‘escapam’ punidos pela não adequação, e, sobretudo, por demonstrarem o caráter socialmente construído das normas. Nas tramas da manutenção da ordem cisheteronormativa estabelecida socialmente, os mecanismos de vigilância, esquadramento e eliminação dos elementos desestabilizadores são acionados para que eles não ‘contaminem’ o tecido social e ganhem, de fato, dimensões subversivas.

Em sua trajetória pelo ensino médio, Gael quis ajudar a sua família financeiramente, bem como construir algo para si. Ele encontrou em programas como o *Jovem Aprendiz* espaço para a atuação no mercado de trabalho e a permanência na educação básica. Ele cursou a 1ª e 2ª série do ensino médio à tarde, mas pelas questões anteriormente apresentadas, a 3ª série da mesma modalidade de ensino ele cursou no turno da noite. Nesse processo de transição educacional, Gael teve contato com outro público, com pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ e esse encontro tornou o ambiente escolar para ele mais acolhedor.

Mas eu lembro que houve muito essa diferença entre as pessoas que eu estudava inicialmente e essas pessoas que eu passei a estudar depois, né? Com outra, outra performance, com outra realidade. E aí, de certo modo, foi um pouco mais abraçador porque eu conheci as primeiras pessoas LGBTQIA+ no ensino médio, no noturno, entendeu? Pessoas mais velhas, pessoas, entende? Então, assim, pessoas que já tinham tido uma vivência e uma, uma visão de mundo diferente daquelas pessoas que estavam em formação, ou seja, pessoas mais jovens. E aí eu aprendi muito, bastante, né? Então existia mais esse respeito na turma da noite, não tinha mais tanto impasse quanto o ensino fundamental e o ensino médio inicial, né? Quando eu comecei o primeiro e segundo ano à tarde (Gael, estudante).

A diferença de turno promoveu transformações importantes na vida de Gael, fazendo com que ele transitasse, dentro do ambiente escolar, em duas esferas de socialização com características, ao mesmo tempo, comuns e diferentes. Embora a escola, enquanto instituição social, atue numa configuração normativa, os sujeitos que por ela passam podem produzir ranhuras no seu funcionamento intersticial. A presença de outras pessoas que ‘desafiam’ os *regimes de inteligibilidade* de gênero e de orientação sexual, (Butler, 2019), com seus corpos, desejos e afetos no âmbito escolar, bem como com suas experiências transgressoras, tornam o ambiente mais aberto para os recém-chegados, sobretudo quando estes vêm de espaços onde as tensões normativas são mais evidentes.

Embora o ambiente, neste momento, tenha se mostrado acolhedor para Gael, a diferença no âmbito escolar não passa despercebida. Gael relatou também na sua entrevista que ouviu relatos depreciativos direcionados a pessoas trans, sempre as desqualificando enquanto tal. Esses discursos estereotipados produzem as performances de gênero e orientações sexuais que borram as fronteiras binárias através da transgressão e possibilidade de subversão que elas

representam. As manifestações de fobias relativas às variáveis em análise fazem parte de uma agenda que não permite a quebra de performances binárias de gênero.

Nas tramas da ambiguidade que permeiam o ambiente escolar: entre conhecer pessoas que apresentam desejos e afetos próximos aos seus e os discursos estereotipados direcionados a elas, Gael é estimulado a falar sobre essa dimensão de sua vida, mas, pelo peso da socialização que ele passou, o silêncio ainda foi uma estratégia frequente:

É, eu me recordo muito bem disso, eu sempre que as pessoas falavam: ‘ah tu namora?’ E por mais que, tipo, existissem pessoas que tinham relacionamentos, inclusive, na própria sala, pessoas LGBTQIA+, mas eu sempre escondia e as pessoas falavam: ‘ah [nome oficial do entrevistado] vamos conversar sobre isso’, mas eu sempre me esquivando do assunto, por quê? Primeiro eu não tinha propriedade; segundo eu não teria um apoio, o que de fato aconteceu, mas eu também reconheço que naquele momento eu poderia ter dado um passo inicial por mim, porque essa, essa anulação que perdurou por muito tempo, nesse percurso todo escolar na verdade, foi muito forte, muito forte mesmo (Gael, estudante).

Como aparece na fala de Gael, mesmo adentrando em espaços em que o *regime de dizibilidade* permite que ele enuncie sua orientação sexual, desejos e afetos, ele não conseguiu falar sobre essas questões, sendo um processo que também é bastante violento. Ou seja, a imposição constante da ordem cisheteronormativa tem esse forte potencial de repressão da dissidência de gênero e orientação sexual, ao ponto de transformar a experiência de enunciação sobre estas dimensões violenta e dolorosa.

Há ainda uma difícil barreira de sentido a superar: para que um/a jovem possa vir a se reconhecer como homossexual será preciso que ele/ela consiga desvincular gay e lésbica dos significados a que aprendeu a associá-los, ou seja, será preciso deixar de percebê-los como desvios, patologias, formas não naturais e ilegais de sexualidade. Como se reconhecer em algo que se aprendeu a rejeitar e a desprezar? Como, estando imerso/a nesses discursos normalizadores, é possível articular sua (homo)sexualidade com prazer, com erotismo, com algo que pode ser exercido sem culpa? (Louro, 2014, p.87).

Interpretar as próprias performances de gênero, orientações sexuais, desejos e afetos para além do *script* binário exige deslocamentos paradigmáticos dos sujeitos. Desaprender, deslocar e ressignificar discursos e saberes que operam na manutenção da ordem cisheteronormativa envolve custos altamente complexos em termos sociais e subjetivos. Os sujeitos se encontram presos nas teias da cultura, sobretudo nas malhas das relações afetivas e institucionais que atuam conformando-os à convergência. É preciso romper com essas amarras para conseguir se reinterpretar e tecer linhas interpretativas do seu próprio desejo como algo que pode ser exercido sem culpa, embora as marcas permaneçam nas tramas de suas histórias.

Gael, para além das questões que passam pelas pressões das normas sociais, pela falta de apoio, enfrenta a insegurança de não ter, segundo ele, propriedade para tratar do assunto. Essa sensação de ausência de propriedade é reveladora no sentido de mostrar que existe certa discursividade que opera dentro da comunidade LGBTQIAPN+ que ele não domina e por isso preferiu não se abrir. Isso mostra como as normas não atuam apenas nas camadas convergentes da sociedade envolvente, mas também naquelas consideradas divergentes. Em todas elas, quando as normas instauram ordens de funcionamento dos discursos, identidades, saberes e práticas, a exclusão se faz presente, algumas vezes, expelindo aqueles que, em tese, deveriam representar. Pensar sobre isso nos ajuda a perceber que é preciso observarmos os limites e os gargalos das políticas de identidade para não cairmos em chaves teóricas/políticas que mais aprisionam de que libertam os sujeitos em suas experiências de gênero e orientação sexual.

Sam, ao narrar a sua estória, nos conta que durante o ensino fundamental, alguns garotos de sua turma, faziam chacota dele, falavam piadas *etc.* Certa vez, uma de suas reações foi xingar um desses garotos que se utilizava dessas técnicas de silenciamento para lhe subalternizar. Neste momento, o referido garoto ameaçou lhe agredir na saída da escola. Sam saiu correndo e conseguiu se desvencilhar.

As piadas, chacotas, ameaças, dentre outros, revelam o potencial violento da escola e sua capacidade de silenciar aqueles que se expressam, desejam e amam de modo diferente em relação à *performatividade* de gênero e orientação sexual em dominância no tecido social. Essas manifestações violentas evidenciam a necessidade de reiteração permanente das normas que regem estas categorias (Butler, 2020). É preciso que os corpos sejam performativamente delineados pelos gêneros socialmente prescritos, sendo função da sociedade de modo geral e, da escola de modo particular, promover essa formatação.

A reação de Sam apresenta um potencial de insurgência contra as normas, mas como estas se apoiam nos discursos socialmente reconhecidos como verdade, a ameaça de violência física mostrou sua força para colocar na linha qualquer um/a que desafie os *regimes de inteligibilidade* em dominância no tecido social. A raiva que provocou a ameaça de violência física não era direcionada apenas para Sam, em si, mas ao que sua existência representa, o deslocamento dos códigos binários de gênero e de orientação sexual.

É, acho que na 5ª série, ali no início do ensino fundamental II, é, existiam garotos da minha sala, colegas que pareciam implicar com o meu jeito afeminado de ser por nada, sabe? E, em um determinado momento, eu lembro vagamente, assim. Eu lembro que era, que eles por nada, eles tiravam onda, eles faziam chacota e tal sempre que eu precisava me expressar ou até mesmo, é, falar em voz alta e tals (Sam, estudante).

Desde os primeiros passos que os estudantes dão na escola, as normas institucionais incidem sobre eles. A escola separa por gêneros nas brincadeiras, no modo de ocupação de seus espaços, nas placas das portas dos banheiros - mostrando como a sociedade entende as configurações de gênero divididas em dois -, no modo de sentar nas carteiras etc. Essas separações, sutilmente, definem as linhas performáticas que os corpos generificados e sexuados devem desempenhar na sociedade.

Quando alguns estudantes não se encaixam nas normas de modo satisfatório, a escola, através de outras técnicas de violência mais explícitas, mostra a sua versão mais dura, como aparece nas análises de Foucault (1999). Sam, ao apresentar traços afeminados, desafia com a sua existência o projeto de sujeito que a escola enforma e, por isso, aqueles que incorporaram a norma reagem contra os seus modos de ser.

No fragmento citado, Sam diz que seus colegas implicavam com o seu jeito afeminado por nada. Esta afirmação significa o grau de complexidade que essa violência promove, visto que é nela que os sujeitos percebem que apresentam características diferentes em relação aos padrões estabelecidos, como analisa Miskolci (2014). As reações de cunho homofóbico dos estudantes têm nos discursos normatizadores sua base de sustentação, inclusive dentro do funcionamento intersticial da escola. No momento dessa experiência Sam ainda não tinha clareza sobre esse processo de modo mais amplo.

Tratando sobre o modo pelo qual a escola lidava com as questões de gênero e orientação sexual, Sam afirma que o tema não era abordado no ensino fundamental na escola em que foi estudante:

E os professores, eles não abordavam essa questão e, muitas vezes, eu não via, não via muita ajuda, sabe? Parece que eles, às vezes, quando a gente sofria essas questões, era algo sempre isolado. Eu tentava também não levar para os professores por não saber como eles agiriam. Não saber também como eu deveria me portar diante daquelas situações, né? Então, eu mesmo acabava não levando para os professores por não saber lidar mesmo, por não saber o que, por não saber porque eu estava sofrendo aquilo, não saber porque, como os professores reagiriam dentro daquela situação (Sam, estudante).

O silêncio da escola sobre as manifestações de estereótipos direcionados aos indivíduos que não se encaixam nos regulamentos normativos da ordem cisheteronormativa, faz parte de uma agenda *biopolítica* (Foucault, 2008). Agenciar corpos, gêneros e orientações sexuais de modo a estabelecer uma padronização binária e heterossexual tem em seu escopo a necessidade de ignorar a diferença, ou, no máximo, de tolerá-la dentro dos espaços escolares. A padronização performática relativa às variáveis focalizadas neste trabalho, fornece as bases

epistemológicas para as políticas de identidades convergentes e dissidentes, sempre nas tramas da ambiguidade estabelecidas entre inclusão, exclusão e desigualdades.

A sexualidade se tornou central na organização educacional, de forma que se constituiu uma verdadeira pedagogia do sexo baseada em meios indiretos e silenciosos de controle e padronização dos comportamentos e até mesmo direcionamento do desejo para as formas socialmente aceitas (Miskolci, 2014, p. 93).

Os meios sinuosos através dos quais o silêncio sobre as manifestações de performances de gênero que borram as fronteiras binárias, bem como sobre as práticas sexuais que desafiam a transitividade direta da *heteronormatividade* se configuram como uma pedagogia do sexo. Seus efeitos são perversos e instauram nos sujeitos a insegurança para compartilhar seus sofrimentos, pressões e dores experienciados dentro da escola com os docentes, por não saberem como serão as suas reações. Esse modo de lidar com a dissidência de gênero e orientação sexual reverbera as mais variadas formas de violência, sendo estas responsáveis por formar os sujeitos que temem qualquer tipo de identificação com o denominado *meio gay* (Miskolci, 2017).

Não problematizar a violência traduzida em homofobia, como aparece no trecho da entrevista de Sam acima citado, é um modo da escola reforçar o padrão paradigmático de masculinidade e feminilidade, bem como a *heteronormatividade*. Esse processo joga sob os sujeitos a responsabilidade pela sua não adequação, deixando intocados os discursos que produzem os enquadramentos funcionais às desigualdades e as políticas de violência socialmente estabelecidas. Desse modo, como Louro (2014) analisa, é preciso o estabelecimento de uma contracultura que desmonte as bases discursivas sobre as quais a diferença é encarada como abjeta dentro da escola, mas esse processo passa pela necessidade de uma educação comprometida com a diversidade em seu sentido mais radical do termo.

Durante o ensino médio as discussões sobre gênero e orientação sexual entram na escola, mas numa posição tímida, sem desafiar os códigos estabelecidos pelos *regimes de inteligibilidade* vigentes na sociedade envolvente. A necessidade de atentar para as temáticas da redação do ENEM⁵ fez com que a escola em que Sam foi estudante trouxesse o tema para a sala de aula.

Durante toda a minha trajetória na escola, eu acho que as primeiras falas que eu ouvi falar, sabe? Tocando sobre o assunto foram no ensino médio, ali quando a gente precisava trabalhar sobre proposta de redação para o ENEM. A gente via pautas LGBTs sendo colocadas, assim, mas bem discretamente, sabe? Só pra, como se

⁵Exame Nacional do Ensino Médio.

dissesse: ‘ah, vamos colocar aqui só pra dizer que tem, sabe?’ E que é um possível tema (Sam, estudante).

O silêncio da escola sobre as temáticas envolvendo gênero e sexualidade faz parte da agenda da ordem cisheteronormativa. Não tratar sobre as questões de gênero e sexualidade, sobretudo no tocante à diversidade de possibilidade é um modo de tornar esses sujeitos humanamente inconcebíveis. Butler (2020) foi assertiva ao demonstrar esse potencial normativo da *performatividade*. Não se trata apenas de controlar, mas negar a humanidade as pessoas que se encontram as margens dos dispositivos normativos e, desse modo, torná-las elimináveis.

Entretanto, como analisado por Louro (2014), os sujeitos não são meros receptores de estímulos normativos externos, mas parte do processo de se constituírem nas tramas das relações de poder. Esse potencial se evidencia nas lutas travadas por movimentos sociais, a exemplo do movimento LGBTQIAPN+, sobretudo a partir da metade do século XX, no sentido de produzir fissuras na ordem estabelecida. Paulatinamente, temos algumas aberturas para a pauta de respeito à diversidade, embora seja importante destacar que as assimetrias entre os gêneros e orientações sexuais ainda se mantêm.

Enquanto reflexo de uma sociedade marcada pela ambiguidade que tenta costurar o conservadorismo à diversidade, no caso da particularidade brasileira, a escola é chamada a reproduzir essa ambiguidade em seus espaços. Vejamos que a temática de gênero e diversidade sexual entra na agenda da escola para cumprir o papel de preparar os estudantes para a redação do ENEM, mas sem questionar os códigos normativos socialmente instituídos.

Embora seja verdade que estamos vivenciando transformações importantes em relação à pauta da diversidade na escola e na sociedade envolvente, existem violências que traumatizam ainda as pessoas que passam por esta instituição social. Natasha, destaca em sua entrevista as marcas que a experiência de escolarização deixou em sua estória. Embora ela não tenha detalhado muitas questões sobre sua passagem pelo ensino fundamental, sua fala sobre a passagem pelo ensino médio numa escola particular de Campina Grande é bastante reveladora.

O banheiro feminino foi por uma questão de segurança. O que passei no ensino médio sendo agredida dentro do banheiro masculino. E agressões que não eram sexuais porque, a certo modo, eles não tinham desejo pelo meu corpo, ao menos não ali naquele espaço de convivência social, né? Porque na entoca é outra estória, mas não naquele espaço de convivência. Então, o que acontecia, eu entrava dentro do banheiro, eu tinha que escolher o horário, tinha que escolher o horário que tivesse menos gente para que eu pudesse utilizar o banheiro de maneira segura, porque se não todo mundo me trancava dentro do banheiro. Tacava papel, tacava água, me acuava no canto do banheiro. Nunca chegou haver murro, tapa, empurrão, mas já me trancaram dentro de um banheiro da instituição (Natasha, estudante).

A violência a qual Natasha foi submetida faz parte da agenda da ordem cisheteronormativa reproduzida na escola de modo estratégico na perspectiva de formar corpos dóceis. A escola, ao permitir que esta violência se perpetue dentro dos seus muros, faz funcionar o denominado por Foucault (1999) *dispositivo da sexualidade*, produzindo verdades sobre os corpos, gêneros e sexualidades. Natasha, nesse processo, funcionava como o exemplo a não ser seguido pelos demais estudantes caso eles não quisessem ocupar esta posição e sofrerem estas violências.

É nessa dobradiça entre a violência física e simbólica direcionada contra a dissidência de gênero e orientação sexual, sobretudo ignorando a existência desses temas, que a escola desenvolve sua ambígua atividade de formação dos sujeitos. Ignoram-se as classificações e as hierarquias entre seus/suas alunos/as, bem como se reproduz o discurso do respeito à diversidade, desde que essa diversidade não incomode, caso contrário, ela sentirá a força da instituição escolar.

A escola estabelece os limites dos *regimes de visibilidade* de gênero e orientação sexual (Miskolci, 2014). Como aparece na fala de Natasha, os estudantes não sentiam desejo pelo seu corpo naquele espaço de convivência, mas na “entoca” era outra estória. Isso marca as dobras da ambiguidade das relações homoeróticas, sobretudo quando aqueles presumidamente/autodeclarados heterossexuais procuram parceiros sexuais do mesmo sexo. Essa dobra mostra a configuração estabelecida pela norma no sentido de manutenção de seus códigos, mas estabelecendo outros arranjos fora da visibilidade pública. A *passabilidade*, como analisada por Duque (2019), é acionada nas tramas da negociação com a convergência estabelecida no âmbito da sociedade envolvente.

Bento (2011, p. 556) afirma: “essas questões não podem ser respondidas exclusivamente nos limites da escola. Há um projeto social, uma engenharia de produção de corpos normais, que extrapola os muros da escola, mas que encontrará nesse espaço um terreno fértil de disseminação”.

Este projeto social citado no trecho acima encontra na escola o mote para disciplinar os corpos e subjetividades. Prender uma pessoa no banheiro, constrangê-la, torturá-la jogando água, papel, acuando-a no canto do recinto é um modo espetaculoso através do qual a escola produz a imagem dos indivíduos que não se encaixam aos padrões sociais. Esse processo causa marcas profundas na subjetividade dos sujeitos, traumas que levam para toda a vida, sendo suas existências atravessadas por estas experiências traumáticas.

E hoje é um trauma que eu tenho, mas ao mesmo tempo, não significou nada para boa parte das pessoas que viram, que fizeram. Seguem suas vidas como se nada tivesse

acontecido. E como é que eu vou provar? Como é que eu faço corpo de delito anos depois do que aconteceu? Não houve. Eu tinha 16 anos, né? E aí quando eu chego com 18 anos dentro da universidade, começo meu processo de transição, foi dolorido pra mim, porque o único espaço que eu tenho a mínima segurança de usar o banheiro é dentro da universidade, porque se eu tô em qualquer espaço público, eu seguro o xixi até não ter mais alternativa. Isso traz problemas urinários terríveis, porque é um desconforto você não conseguir, simplesmente, entrar no banheiro pra fazer seu xixi (Natasha, estudante).

A escola, embora venha incorporando o discurso voltado para o respeito à diversidade nas últimas décadas, revela seu lado perverso nas experiências de sujeitos que borram as fronteiras da *performatividade* de gênero e orientação sexual. A experiência de Natasha revela uma das faces mais duras da escola, sendo responsável por traumas que geram, inclusive, possíveis problemas de saúde. Uma adolescente de 16 anos foi submetida a terríveis violências no âmbito escolar, mas este fenômeno não ganhou eco dentro dos muros escolares. O silêncio da escola diante desses fenômenos evidencia a sua posição em relação ao projeto de produção de sujeitos normalizados, como analisado por Bento (2011).

Butler (2019) destaca o papel da *performatividade* na constituição dos sujeitos, bem como suas dobras na interpretação que estes estabelecem nas tramas de suas histórias. Natasha, em sua fala, revela que o tempo passou e que não é mais possível provar os atos cometidos contra ela, mas os traumas permanecem. Até hoje, os traumas gerados pela violência por ela sofrida ecoam quando ela necessita entrar nos banheiros públicos, azeitados pelas múltiplas violências estabelecidas pelos olhares e performances de algumas mulheres cis ao entrarem em contato com mulheres trans e travestis no mesmo banheiro.

Esses encontros marcam as assimetrias de gênero dentro do espectro de feminilidade, onde a cisgeneridade ocupa uma posição naturalizada em detrimento da transgeneridade e travestilidade na sociedade envolvente. Natasha é forçada, neste contexto, a reviver em cada encontro, os jogos de poder que lhe torturaram na adolescência e tenta criar técnicas para sobreviver a este processo. Ela finge não perceber as reações nesses espaços porque se ela ‘armar um barraco’ será culpada por simplesmente existir naquele lugar.

CAPÍTULO III – O FUNCIONAMENTO DA PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA

De acordo com nossos/as entrevistados/as, a universidade é vista como um espaço em que a experiência de escolarização é mais flexível, não apenas do ponto de vista da formação, mas das sociabilidades estabelecidas entre seus atores. Alguns daqueles experimentaram esse fluxo mais aberto já no ensino médio, embora sejam poucas essas experiências. Brenda, quando fala de sua entrada na universidade, evidencia que não houve mudanças significativas referidas às reações quanto à sua performance de gênero e orientação sexual divergentes, se comparadas às suas experiências no ensino médio e na universidade:

O que mudou na minha vida em relação à UEPB foi o amadurecimento pessoal e profissional do que eu quero para o futuro. Em relação à minha sexualidade, o que mudou foi novos envolvimento. Conheci pessoas, conheço pessoas, amizades minhas que são muito abertas também à sexualidade. Acho que a universidade também, aquele pensamento que a gente tem: ‘Ah, a universidade é muito mais tranquilo, é muito, pensamentos abertos, tudo’! Mas como eu já tinha vindo isso desde do ensino médio porque eu já tinha outras experiências, pra mim foi algo natural (Brenda, estudante).

A fala de Brenda desloca discursos cristalizados sobre a universidade e os espaços anteriores de escolarização, demonstrando que, no ensino médio, a escola também pode ser um espaço onde as questões de gênero e orientação sexual circulam. Coursar o ensino médio numa turma onde existiam muitas pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, como visto nas entrevistas que realizamos, promove uma sensação de acolhimento e resistência às investidas dos regimes de inteligibilidade, dizibilidade e visibilidade relativos ao gênero e à orientação sexual.

Recorrer ao contexto em que as experiências são delineadas fornece as condições para compreender os elementos que as constituem, bem como as interpretações dos sujeitos acerca delas. Scott (1998) demonstra a necessidade de observar as camadas sociais e históricas que envolvem a moldagem das experiências que forjam os sujeitos nas tramas das sociabilidades.

Brenda foi uma estudante da rede particular na educação básica e, particularmente no ensino médio, fazia parte de uma turma em que os estudantes, com seus corpos, performances, desejos e afetos, desafiavam a ordem binária e heterossexista. Foi neste cenário que ela estabeleceu seus primeiros relacionamentos homoeróticos. Esses elementos que constituem a sua trajetória evidenciam como os contextos micro e macrossociais forjam as subjetividades dos sujeitos nas teias da cultura. As memórias escolares acionadas por ela na construção de sua narrativa ajudam a entender sua experiência tranquila de transição da educação básica para o ensino universitário.

A escola, quando pressionada pelas expressões da dissidência de gênero e de orientação sexual, promove pequenas aberturas para acomodar, em alguns aspectos, as demandas dessa comunidade. Contudo, em termos mais gerais ela continua reproduzindo as normas sociais, sendo tensionada por duas linhas de força que disputam o espaço escolar: uma que aponta para a manutenção das normas sociais e outra que tenta costurar a manutenção dessas normas com o respeito à diversidade, configurando um terreno marcado pelas dobras da ambiguidade.

A universidade, para Brenda, se constitui como um espaço em que a formação profissional e o amadurecimento pessoal ganham maior ênfase, embora os vínculos de amizade continuem desempenhando um papel importante em sua trajetória. Os laços de amizade são forjados pelas marcas da diferença nos espaços de escolarização e fora deles, sendo, no caso em análise, a sexualidade enquanto uma experiência compartilhada um elemento que alinhava o estabelecimento de laços e vínculos sociais e afetivos. Essa dinâmica de aproximação e afastamento entre os sujeitos é atravessada pelos pontos de convergência e divergência entre eles, em relação às variáveis aqui analisadas.

Ter amigadas na escola e na universidade com pessoas que têm a sexualidade ‘aberta’ não remete apenas a uma livre escolha dos sujeitos, mas ao funcionamento da *performatividade* de gênero e de orientação sexual que rege os discursos em funcionamento no tecido social. Esta *performatividade*, como analisa Butler (2019), configura o mundo social em múltiplas esferas, incidindo sobre os sujeitos em diversas ordens e definindo as linhas de sociabilidade consideradas hegemônicas e abjetas. A forma de estabelecer laços e vínculos passa por esse processo mais amplo no qual a hegemonia se estabelece e as dissidências configuram suas experiências comuns de subalternidade e subjetividade.

Em relação à reprodução de uma padronização binária de gênero e de orientação sexual no espaço acadêmico, Brenda afirma:

Acho que a padronização sempre vai existir, mas dependendo do ambiente em que a gente está inserido, a gente vai ver mais multiplicidade de corpos, de trejeitos. E acho que a universidade é um ótimo lugar para você notar isso. Acho que as pessoas que estão inseridas nela são mais diversas. Eu vejo muito aqui, inclusive no departamento. Quando eu cheguei aqui, entrei na Educação Física, pensei: ‘só vai ter *hétero top*, tudo padrãozinho’, mas eu me surpreendi muito em relação a isso. Eu pude ver muita diversidade aqui, mesmo que exista o padrão. Acho que, do padrão, em si, a gente nunca vai fugir, mas a gente consegue ver mais multiplicidades, mais diversidade, um pouco mais do que no ambiente escolar (Brenda, estudante).

Embora o espaço universitário reproduza uma padronização de performances de gênero e orientação sexual, os *regimes de visibilidade* referentes a estas variáveis permitem que a diversidade se expresse de modo mais efetivo. Corpos, performances, desejos e afetos

convergentes e dissidentes circulam pelos corredores da universidade, mas as estilizações binárias de gênero e a heteronormatividade continuam operando neste espaço.

Os ambientes são marcados pelas variações de performances de gênero e orientação sexual delineadas pelos códigos configurados a partir do funcionamento dos *regimes de visibilidade* que orientam a dramatização da vida social (Goffman, 1985). Mesmo existindo uma padronização cisheteronormativa na sociedade envolvente, os espaços de sociabilidade, através dos referidos regimes, podem produzir uma reprodução mais rígidas desses padrões enquanto outros podem permitir maior visibilidade de estilizações performáticas que expressem a diversidade dos sujeitos que neles circulam.

A universidade, para Brenda, se configura como este espaço onde a diversidade de corpos, performances, desejos e afetos circula mais abertamente, diferenciando-se do espaço escolar na educação básica. Mesmo num curso em que ela acreditava que encontraria apenas o padrão *hétero top*, a diversidade se mostra e a surpreende, evidenciando que nesse ambiente os códigos dos *regimes de inteligibilidade* de gênero e orientação sexual ganham configurações mais fluidas, embora o funcionamento da *performatividade* referente a estas variáveis continue sustentando as configurações dos padrões cisheteronormativos (Butler, 2019, 2020).

A ritualização e reiteração dos padrões binários e heterossexistas de gênero e orientação sexual produzem uma dimensão de substancialidade e estabilidade, como vemos no trecho da fala da entrevistada, no qual ela fala que “nunca conseguiremos fugir ao padrão estabelecido socialmente”. Padrões de orientação sexual e de gênero são socialmente construídos e mantidos a partir de reiterações performáticas, através das quais se tornam naturalizados pelos próprios sujeitos. Isso se torna evidente pelas políticas de vigilância da dissidência operacionalizadas pelas famílias, escolas, instituições religiosas confessionais, pelos saberes médicos-psiquiátricos, dentre outras instâncias. Desse modo, o padrão se reproduz porque existe todo um aparato discursivo fornecendo a base para a sua reprodução, inscrevendo nos sujeitos os códigos de conhecimento e reconhecimento social através dos regimes de inteligibilidade, dizibilidade e visibilidade de gênero e de orientação sexual.

O ensino de terceiro grau representa possibilidades de enunciações mais fluidas em relação às variáveis analisadas neste trabalho. Os *regimes de dizibilidade* permitem que estes temas se tornem enunciáveis de modo mais flexível na universidade do que nas fases anteriores de escolarização, alinhando as interações intersubjetivas estabelecidas entre os sujeitos de modo normativo, porém com maior abertura. A narrativa de Gael acerca da sua entrada na universidade fornece elementos para refletirmos sobre o funcionamento da *performatividade* de gênero e orientação sexual neste espaço:

E na universidade, poxa, foi aí que o meu mundo abriu de vez e que eu senti que eu poderia falar sobre as coisas sem ter aquele pé atrás, aquela coisa de prende, sabe? Não que eu tivesse falando coisas vazias, mas falar sobre si sem que as pessoas te diminuam ou na verdade esqueçam que você existe, sabe? [...]Então, essa conexão, essa interlocução com pessoas com outras vivências e pessoas LGBTQIA+, né? E mais professoras mulheres com vivências também foi um ápice na minha vida de coisas boas (Gael, estudante).

No trecho citado anteriormente a universidade é apresentada como este espaço em que os fluxos e anti-fluxos permitem o alargamento das possibilidades de existir e (co)existir. A sensação de abertura promove transformações nas subjetividades dos sujeitos em relação às experiências comuns compartilhadas, sobretudo aquelas relacionadas às técnicas de subalternização referidas às performances de gênero e orientação sexual socialmente consideradas como ‘dissidentes’.

A narrativa de Gael sobre a sua inserção no âmbito universitário permite refletir sobre a ampliação das fronteiras dos *regimes de dizibilidade* de gênero e orientação sexual. A analítica de Deleuze (2005) demonstra que estes regimes são construídos por camadas de visibilidade e dizibilidade que permitem que alguns enunciados circulem, enquanto silencia outros, sob o controle dos *regimes de verdade* que orientam as relações de poder numa dada configuração histórica. No caso de Gael, falar sobre a sua sexualidade não se configurava como uma dimensão confortável de sua vida até chegar à universidade, mesmo que no último ano do ensino médio, convivesse com outras pessoas com orientações sexuais que fogem aos *scripts* da heterossexualidade.

A experiência universitária significou essa abertura, através da qual os *regimes de dizibilidade* permitem que as orientações sexuais e as performances de gênero sejam amplamente discutidas, borradas, reconfiguradas e problematizadas. Para Gael, na universidade tornou-se possível falar sem ter o pé atrás, sem experimentar a abjeção de modo mais incisivo. As sociabilidades com as professoras mulheres, com as suas experiências de gênero e os debates em sala de aula também promoveram esses deslocamentos paradigmáticos do nosso interlocutor em termos de percepção de si e das relações sociais de forma geral.

Embora a entrada na universidade tenha produzido esse impacto inicial, a ambiguidade dessa abertura para a diversidade de gênero e orientação sexual mostra os seus limites evidenciando algumas camadas de classificação e hierarquia construídas sobre as múltiplas configurações dessas categorias também no espaço universitário.

Vi pessoas que são da própria comunidade com estereótipos e preconceitos enormes, principalmente nesse âmbito que a gente está falando agora. Por exemplo: certa vez eu conheci um menino que, segundo uma pessoa, era super afeminado e que eu não deveria ficar com ele, porque eu estaria queimando a minha imagem. Eu fiquei: ‘poxa,

não te compreendi, repete isso pra mim, por favor'. 'Não [*nome oficial do entrevistado*], você é muito mais masculino, você não merece ficar com essa pessoa e tal porque é uma bicha, não sei o quê' (Gael, estudante).

Embora exista alargamentos dos regimes regulatórios de gênero e orientação sexual, algumas hierarquias construídas socialmente são reproduzidas nas sociabilidades no âmbito universitário. O substrato performativo das categorias analisadas constitui uma tipificação ideal que alimenta a reprodução de hierarquias e estereótipos direcionados aqueles que não reproduzem as estilizações binárias de gênero, também no campo da homoafetividade. Vejamos que o discurso carregado de estigmatização se direciona a um garoto que quebra as performances paradigmáticas de masculinidade, não aos relacionamentos homoeróticos em si.

Pessoas da própria comunidade LGBTQIAPN+, como demonstrado no trecho da entrevista com Gael, reproduzem as hierarquias sociais que atribuem as performances dos sujeitos escalas valorativas. Na interpretação da pessoa que interpelou Gael, a performance de masculinidade padrão tem maior valor agregado em relação às performances afeminadas, nessa economia difusa dos corpos, gêneros, sexualidades, desejos e afetos. As análises de Miskolci (2017) demonstram como nas relações homoeróticas os corpos e as performances de masculinidade que reproduzem o *script* da cisheteronormatividade são altamente valorizados na economia do desejo e das práticas sexuais.

Ser um homem gay conforme o padrão de masculinidade dominante e se envolver com uma *bicha* afeminada significa se contaminar com a abjeção inscrita no deslocamento dos gêneros binários. Percebemos no contexto analisado que a figura da *bicha* não existe antes de ser construída pela linguagem que a produz como tal e a posiciona como algo que não se deve ser, tampouco desejar. Gael, segundo essa interpretação, não deveria ficar com uma *bicha* para não perder capital social, não queimar a sua imagem numa economia que valoriza a performance de masculinidade.

Como analisa Butler (2019), as identidades e as posições abjetas são construídas na dimensão performativa da linguagem. Chamar alguém de *bicha* pode denotar depreciação. Refletir sobre esse ponto demonstra que a linguagem não apenas descreve, mas prescreve e institui posições e identidades, configurando as hierarquias sociais dentro de uma dada sociedade historicamente situada.

Entretanto Gael reage à interpelação afirmando que não entendeu e pedindo para que ela seja repetida. Seu interlocutor reitera a sua posição e vários questionamentos passam pela cabeça do nosso entrevistado. Num momento mais para frente da entrevista ele fala que

conversou com essa pessoa sobre ela dizer ter uma posição crítica, ser de ciências sociais e reproduzir discursos como o observado.

As sociabilidades no âmbito universitário mostram a sua ambiguidade em relação às performances de gênero e orientação sexual. O mesmo espaço em que se pode falar ‘abertamente’ sobre as orientações sexuais e as performances de gênero reproduz uma *performatividade* centrada na reprodução de estereótipos e hierarquias. A ambiguidade que se mostra nos discursos de pessoas LGBTQIAPN+, a exemplo da mencionada por Gael, se instaura como mecanismos performáticos cishomonormativos que produzem, mesmo inconscientemente, a tipificação ideal cisheteronormativa nas configurações afetivas e sexuais homoeróticas.

De acordo com as entrevistas realizadas existem atores que compõem a universidade em termos institucionais que abrem espaço em suas aulas para a entrada da diversidade. Vejamos como a experiência de Sam durante um seminário de uma disciplina do curso de graduação em Letras Inglês nos ajuda a entender como o papel do docente pode transformar as experiências construídas em sala de aula, referidas às vivências de modelos divergentes da heteronormatividade e da binaridade de gênero:

Ela [*a professora*] propôs uma temática de seminário referente a narrativas e meu grupo ficou com narrativas LGBTQIAP+. Inclusive ela deixou essa temática bem ampla, sabe? Para gente trabalhar em cima dela falando sobre autores dentro da comunidade e também sobre a questão social em si. Ela deixou tão ampla essa questão que eu me montei *drag*, inclusive, *drag queen*. Apresentei esse seminário montado de *drag*, eu e meu amigo que fazíamos parte do grupo. A gente apresentou várias pautas referentes à comunidade em si, tratamos sobre Caio Fernando Abreu (Sam, estudante).

A experiência de Sam revela o importante papel desempenhado pelos/as professores/as em sala de aula, sobretudo quando se trata de deslocamento das hierarquias sociais que constituem as experiências socioacadêmicas. Desse modo podemos perceber que a educação pode ser subversiva e trazer os indivíduos socialmente subalternizados para mostrar as suas experiências como parte do processo educativo (Louro, 2014). Os corpos *montados*⁶ desafiam os *regimes de inteligibilidade, visibilidade e dizibilidade* de gênero, orientação sexual e, inclusive, deslocam o cenário disciplinar que alinhava as relações de gênero geralmente estabelecidas em salas de aula.

A performance *drag queen* desenvolvida por Sam e seu amigo coloca em operação o trânsito entre os gêneros, deslocando as performances paradigmáticas de masculinidade e

⁶ *Montagem*, estar *montado/montada* significa vestir-se, maquiarse, produzir-se enquanto um personagem que agrega a travestilidade à estilização marcada pelo exagero e desejo de chocar pela diferença.

feminilidade. Esse deslocamento demonstra que é possível subverter estas performances escapulindo pelas fronteiras da ambiguidade. A desobediência às normas de inteligibilidade de gênero demonstra seu caráter social e histórico, ao mesmo tempo em que abre possibilidade para a transformação da ordem estabelecida (Bento, 2011).

O cenário em que essa performance aconteceu é revelador no sentido de evidenciar como o contexto influencia no processo de afirmação da diferença enquanto parte constituinte das relações socioeducacionais. Estamos falando de uma turma em que grande parte dos integrantes faz parte da comunidade LGBTQIAPN+, tornando o ambiente mais receptivo para a circulação das questões de gênero, sexualidade, desejos e afetos que ‘escapam’ aos padrões estabelecidos socialmente.

Assim, majoritariamente parte da minha turma, em específico, faz parte da comunidade. Eu posso nomear cinco pessoas da minha sala que se diriam, dentro das normas padrões da sociedade, mas todo o resto ali, né? Pelo menos pelo o que eu conversei, são sim pessoas que estão dentro da comunidade. Eu acredito que isso também vai haver, até se torna um estereótipo referente ao curso, né? (Sam, estudante).

A turma de Sam do curso de Letras Inglês é composta predominantemente por pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+. Este fato poderia passar despercebido, mas ele é importante para produzir uma atmosfera de experiência compartilhada, denotando o espaço universitário como eventualmente mais diverso em relação aos das escolas da educação básica.

Os regimes de visibilidade e inteligibilidade de gênero e orientação sexual, de acordo com as conceituações de (Butler, 2019) e Miskolci (2017), são alargados, e este alargamento produz reações dentro e fora dos espaços acadêmicos em relação às classificações dos sujeitos, traduzidas através das manifestações de homofobia.

Ainda tomando como referência a entrevista de Sam, cabe destacar que também revela que a predominância de pessoas que borram as fronteiras de gênero e orientação sexual na composição do espaço interacional acadêmico pode alimentar a construção de estereótipos acerca de determinados cursos. O estigma associado a estas pessoas é deslocado para os cursos e áreas de formação, produzindo hierarquias entre os saberes acadêmicos e instâncias formativas. Essa produção discursiva se estabelece numa dicotomia incessante a partir das fronteiras da normalidade altamente vigiadas para que não sejam percebidas como malhas que amarram os sujeitos às tramas socioculturais e históricas.

É possível perceber a partir das relações de poder que alinham os corpos através de uma suposta coerência entre sexo, gênero, sexualidade e desejo, que as performances de gênero e orientações sexuais, no formato como as conhecemos, fazem parte do projeto forjado pela

modernidade (Foucault, 1999). Este projeto alinhava múltiplas instâncias e instituições sociais, embora esteja sempre se dilacerando nas tramas da ambiguidade dos seus próprios discursos. Com a chancela de uma vasta gama de saberes – religiosos, filosóficos, científicos, dentre outros – os discursos normalizadores conseguem se reproduzir, inscrevendo-se nas relações sociais e intersubjetivas.

Na entrevista de Natasha podemos perceber a ambiguidade que constitui a instituição universitária a partir do funcionamento dos *regimes de inteligibilidade, dizibilidade e visibilidade* de gênero e de orientação sexual. Como veremos a seguir, sua fala revela que a universidade é interpretada de múltiplas formas, sendo, para os conservadores, um lugar onde se consome maconha; bem como é apresentada como um paraíso, numa perspectiva neoliberal. Na prática existem muitos desafios, sobretudo em relação a algumas pautas, incluindo a experiência de pessoas trans e travestis.

De fato, há pessoas que vão para a universidade para terem uma experiência de vida, mas eu fui para a universidade pela necessidade econômica e social de continuar estudando, de me formar, de ter uma possibilidade de emprego diferente. E aí as vezes me bate um constrangimento dentro da minha vivência dentro do curso porque você entra e sai da universidade e em nenhum momento a experiência trans e travesti é pautada. Isso eu posso falar dentro da Filosofia, não só de diversos autores, mas de toda a tradição filosófica que se consolida na figura de homens brancos europeus falando sobre os seus problemas, determinando as suas questões, determinando, inclusive, o que pode ser Filosofia ou não pode. E aí é uma luta por espaço academicamente (Natasha, estudante).

Natasha foi para a universidade não para ter apenas uma nova experiência de vida neste espaço, ela foi por necessidade social e econômica de estudar e transformar a sua estória através da educação. Entretanto, Natasha não consegue perceber as experiências das quais faz parte sendo pautadas não apenas na universidade, mas em toda a tradição de um campo de saberes do qual ela se encontra inserida. Esta ausência faz parte do projeto de universidade historicamente delineado a partir de uma base epistemológica androcêntrica e tradicional no que se refere à tradicional binaridade de gênero.

Amaral (2013) destaca que a universidade brasileira nasce de um projeto direcionado a atender uma elite econômica. Neste arcabouço é possível perceber que nem todos os discursos e saberes são socialmente referenciados nesse espaço, bem como existe uma tipificação de sujeitos que podem enunciar e outros que são silenciados, conforme as políticas institucionais de dizibilidade, visibilidade e inteligibilidade de gênero e de orientação sexual, dentre outras variáveis abarcadas.

A reprodução de discursos preconceituosos que circulam no tecido social informa a manutenção das hierarquias entre os sujeitos e grupos, engendrando modos institucionais de subalternização de alguns grupos e sujeitos que adentram aos seus espaços.

Embora seja verdade que a universidade venha se democratizando nas últimas décadas, é importante perceber que nem todos os atores sociais que por ela passam ocupam de modo igualitário esse espaço. Como analisado por Amaral (2013), nem todos os sujeitos detêm o poder de enunciar nesse campo de forma legítima, visto que os estereótipos relativos às questões de gênero, sexualidade, cor de pele, dentre outros continuam operando. Essa desigualdade se desdobra na ausência de uma cobertura de políticas públicas que não garantam apenas o acesso, mas a permanência; na ausência de disciplinas obrigatórias voltadas para este debate nos currículos, dentre outros sinais.

Mas em que a universidade tem me ajudado? Nada. A gente tem política de nome social que é uma gambiarra e, sinceramente, uma palhaçada para que possa fazer uso, né? Primeiro que é um processo extremamente lento e que a universidade não sabe nem orientar, sabe? Não sabe nem dos seus próprios provimentos porque não exige isso dos seus funcionários, porque não trabalha na formação de quem está trabalhando lá dentro. A nível de convivência é horrível, é horrível. Você é marcada como uma mulher trans, como uma travesti. As pessoas, boa parte delas, não vão demonstrar repulsa, mas também não vão ser acolhedoras, isso enquanto turma (Natasha, estudante).

A experiência universitária de Natasha demonstra que aqueles corpos que borram as fronteiras de gênero são amplamente violentados em todas as esferas da vida social. Os empasses da política do uso do nome social revela as ambiguidades das políticas públicas, uma vez que elas não se efetivam sem violentar as pessoas que demandam o acesso e direitos que elas enunciam como seus objetivos de promover a garantia. Aqueles corpos menos *passáveis*⁷ dentro de um arquétipo de masculinidade e feminilidade são submetidos a técnicas cruéis que tentam negar sua humanidade como aparece nas análises de Butler (2020).

Essas questões perpassam a instituição universitária, evidenciando as suas ambiguidades discursivas em termos de abertura para as expressões da diferença, ao mesmo tempo em que reproduz a ordem cisheteronormativa nas relações institucionais e intersubjetivas. A dissidência em relação às variáveis analisadas neste trabalho se constitui como um modo de identificação dos sujeitos, sendo os estereótipos sobre ela utilizados para subalternizar pessoas trans e travestis na própria universidade. As pessoas têm nomes, têm

⁷ Passabilidade é a capacidade de uma pessoa ser considerada membro de um grupo ou categoria identitária diferente da sua, que pode incluir identidade racial, etnia, casta, classe social, orientação sexual, gênero, religião, idade e/ou status de deficiência (Duque, 2019).

estórias, mas como aparece na fala de Natasha, ela é marcada como ‘a travesti’, não como uma pessoa qualquer cuja travestilidade ou a transgeneridade é apenas uma dimensão de sua vida, não uma marca pela qual ela deve ser interpretada em todas as instâncias da vida social.

Segundo Natasha, nas turmas, os estudantes colegas não têm repulsa, mas também não são acolhedores. Não acolher é uma forma de estabelecer hierarquias e desigualdades. Ao pensar sobre o processo de democratização da universidade nas últimas décadas é importante interpretar até que ponto essa democracia se efetiva nas relações estabelecidas nesse espaço. Como analisa Amaral (2013), esta democratização evidencia seus gargalos quando observamos que determinados grupos e sujeitos nas instituições acadêmicas brasileiras não tem permanência igualitária nesse espaço.

Natasha enfrenta um cotidiano na universidade em que é desafiada todos os dias a lutar por um espaço que deveria ser acessado por todos/as de forma igualitária, mas que ainda reproduz hierarquias e classificações que supostamente objetiva desconstruir. Como analisado por Bento (2011), os corpos que assumem posições de divergência de gênero e de orientação sexual são subalternizados, esquadrihados e vigiados em todos os espaços. Suas existências desafiam as normas sociais e por isso eles sempre são silenciados para não as subverter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões construídas durante este trabalho, é possível evidenciar que a experiência de escolarização na educação básica e no âmbito universitário enforma a constituição dos sujeitos, forjando-os nas tramas da cultura historicamente situada. Os sujeitos são produzidos em múltiplas instâncias da vida social, mas como demonstrado, é inegável o papel das instituições educacionais na tessitura desse projeto construído nas teias discursivas e epistemológicas que a modernidade instaurou.

Foucault (2010) foi assertivo ao desmontar o projeto de sujeito que a modernidade criou e faz reverberar até os dias atuais. A agência atribuída aos sujeitos é produto das relações de poder que os trazem a existência e marcam as suas trajetórias no tecido social, fazendo-os reproduzir arquétipos performáticos de gênero, sexualidade, racionalidade, entre outros.

Dentro desse projeto do sujeito moderno temos as instâncias que definem algumas linhas performativas que ele precisa desempenhar. Estas linhas, em alguns aspectos, são definidas pelas normas regulatórias que a performatividade de gênero e orientação sexual faz circular. Nessa concepção, as performances de gênero dos sujeitos já estariam dadas a partir da articulação sexo-gênero, bem como eles devem desejar e se relacionar sexualmente.

Aqueles que desafiam essas normas experimentam a atuação de inúmeras técnicas de violência, algumas mais diretas e outras ainda mais sofisticadas. Diante desse contexto altamente disciplinador e violento, estes são tensionados a negociar a visibilidade e dizibilidade de suas performances de gênero, sexualidade, desejos e afetos ou se mostrar como tal e serem punidos por isso.

Contudo a diferença resiste e luta para conquistar o seu espaço na escola, na universidade e na sociedade de modo geral. Isso se reflete nas fissuras que ela causa nos mecanismos de normatização em operação nas instituições educacionais. A existência de pessoas que apresentam dissidência de gênero e orientação sexual nestes espaços é política e desafia os olhares e discursos que tentam conformá-las aquilo que elas não são.

As lutas travadas pelos movimentos sociais a exemplo do movimento LGBTQIAPN+, bem como as múltiplas expressões da dissidência de gênero e orientação sexual nos espaços escolares e acadêmicos pressionam estas instituições a incorporarem o discurso de respeito à diversidade. Contudo, como demonstrado neste estudo, ainda há um grande processo de luta para que, de fato, a diferença adentre esses espaços sem sofrer as pressões de uma ordem cisheteronormativa que a posiciona como subalterna, inconcebível, abjeta.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Julião G. Lutas por reconhecimento, desrespeito e universidade: a atuação dos coletivos universitários de diversidade sexual para o enfrentamento à homofobia institucional. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, n. 21.2, jul./dez. 2013.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo I: fatos e mitos**. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, mai./ago. 2011.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BUTLER, Judith. **Corpos que Importam: os limites discursivos do sexo**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DUQUE, Tiago. Regimes de visibilidade/conhecimento nas experiências da “(des)montagem” e do “(não) passar” por homem e/ou mulher. **Aceno – Revista de Antropologia do CentroOeste**, Cuiabá, v.6, n. 12, p. 113-126, ago./dez. 2019.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1981 – 1982)**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LOURO, Guacira L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MINAYO, Maria Cecília S.; GUERRIERO, Iara C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MISKOLCI, Richard. Sexualidade e orientação sexual. *In*: MISKOLCI, Richard. (org). **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: EDUFSCAR, 2014.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros online. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. Trad. Lúcia Haddad. **Projeto História**. São Paulo, v.16, fev. 1998.